N.º 290 — 13.º ano

16-JANEIRO-1938

PREÇO-5 escudos

**ILUSTRAÇÃO**

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: José Júlio da Fonseca
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — Lisboa

**Preços de assinatura**

| | MESES | | |
|---|---|---|---|
| | 3 | 6 | 12 |
| Portugal continental e insular | 30$00 | 60$00 | 120$00 |
| (Registada) | 32$40 | 64$80 | 129$60 |
| Ultramar Português | — | 64$50 | 129$00 |
| (Registada) | — | 69$00 | 138$00 |
| Espanha e suas colónias | — | 64$50 | 129$00 |
| (Registada) | — | 69$00 | 138$00 |
| Brasil | — | 67$00 | 134$00 |
| (Registada) | — | 91$00 | 182$00 |
| Outros países | — | 75$00 | 150$00 |
| (Registada) | — | 99$00 | 198$00 |

Administração — Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

**VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA**

PROPRIEDADE DA LIVRARIA BERTRAND

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA ANCHIETA, 31, 1.º TELEFONE: — 2 0535

N.º 290 — 13.º ANO
16-JANEIRO-1938

# ILUSTRAÇÃO
grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

PELO carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenna a concordância do seu director.

# NA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS

O ilustre professor da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, dr. Pedro Calmon, realizou na Academia das Ciências uma notável conferência em que traçou os retratos históricos do Padre António Vieira, Alexandre de Gusmão e D. João VI.

Fez a apresentação do conferente o sr. dr. Caeiro da Mata, na sua qualidade de presidente do Instituto Luso-Brasileiro de Alta Cultura. O insigne catedrático fez um magnífico retrato do conferente que, por sua vez, se propunha fazer o retrato de três figuras e três épocas históricas.

Seguiu-se o sr. dr. Júlio Dantas que focou a obra patriótica das duas Academias — a portuguesa e a brasileira.

O eminente escritor salientou que se "a obra de entendimento económico, função também dos Estados e dos organismos económicos oferece dificuldades provenientes da analogia, e, portanto, da colisão de certos interesses, restava o domínio cultural„. Neste afirmou o orador "é que, com efeito, a cooperação luso-brasileira, bem orientada, pode ser útil e fecunda, impondo-se como facto natural e necessário, porque os dois povos têm um passado comum, tradições comuns, um património espiritual comum a defender, e porque o seu pensamento dispõe do mesmo magnífico instrumento de expressão: a língua portuguesa„.

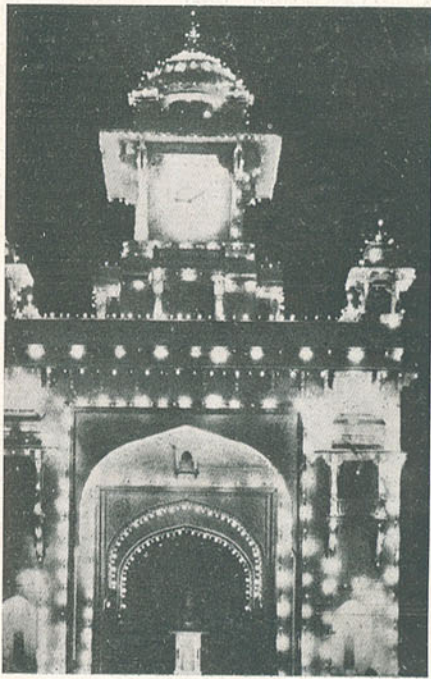
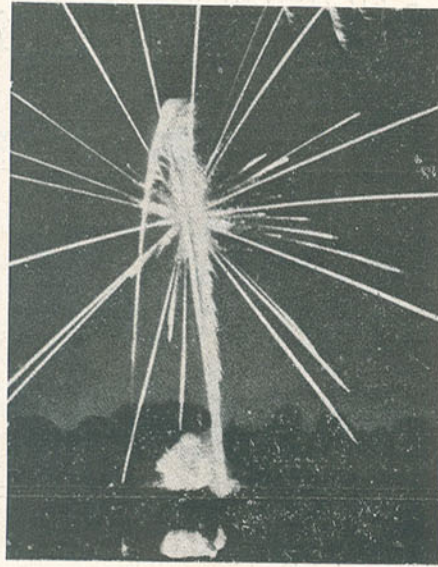
Finalmente, o sr. dr. Pedro Calmon iniciou a sua conferência traçando a obra dos três grandes vultos que interessaram três séculos.

Surgiu Vieira que ainda "vive, encarna a solidariedade das duas bandas de Portugal„. Apareceu, depois Alexandre de Gusmão que se antecipara a Monroe, estabelecendo no tratado de 1750 as bases do pan-americanismo, e com êle se inicia o ciclo americanista da evolução brasileira. Chegou a vez de D. João VI.

O conferente salientou que êste soberano "tem sido considerado como um inerme e tolo soberano, cujas desditas culminaram em 1807, na fuga para o Brasil.

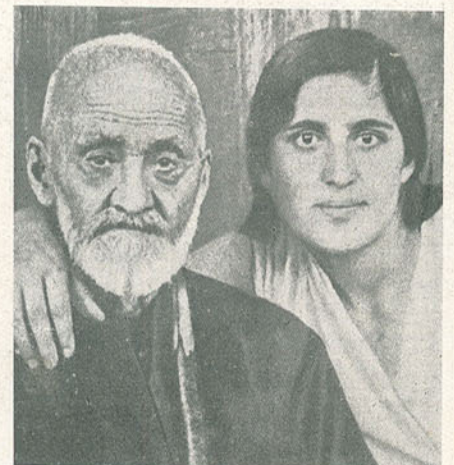
"Essa crítica feita ao rei tolerante e calmo é um tremendo êrro histórico. Foi um pacífico Fábio Cuntactor, um equilibrista de situações difíceis, um político sagaz, um manso e esperto defensor de Portugal na mais penosa crise que atravessou o País, depois da Restauração. Soube ganhar, quando aparentemente tudo perdia, vibrando o golpe inesperado — e soberbo — da retirada para a América. A visão de Vieira e os cálculos de Gusmão florescem na sua fidelidade ao Brasil. Muda de mentalidade, ao chegar à Baía e ao Rio de Janeiro. O príncipe evadido transforma-se em César conquistador. A sugestão de sua fôrça nova aguça-lhe a ambição de renovar Portugal no Ultramar: e vinga-se do destino tomando a Guiana e o Uruguai... Morreu rei de Portugal e Imperador do Brasil!„

*O sr. dr. Caeiro da Mata fazendo a apresentação do conferente*

# ALÉM-FRONTEIRAS

Como os índios decoram com vistosa iluminação as fachadas dos seus monumentos em dias festivos para a sua raça cheia de tradições

Surpreedente fogo de artifício organizado no lago de Snagov arredores de Bucareste pelos engenheiros dum grande «trust» petroleiro

A catedral de Reims, banhada de luz, no dia da sua reabertura solene após a restauração dos estragos da Grande Guerra

Um aspecto da visita do rei da Bélgica a Londres. O soberano belga acompanhado pelo rei Jorge VI e pelo duque de Gloucester atravessa as ruas da capital britânica, com destino ao palácio de Buckingham. A esta visita foi atribuído um alto significado político que atraíu as atenções de todo o Mundo

O corpo de bailados de Hanya Holm's exibindo-se em Bennington, numa composição intitulada «Trend» sob os aspícios da Escola de Dança de Bennington, e que causou a maior sensação. Miss Holm's figura ao centro, ladeada pelas suas discípulas

O velho Chatz Tohoubar, de 136 anos com a mulher com quem acaba de casar. Tem a noiva 48 anos e parece uma jóvem

# ACTUALIDADES DA QUINZENA

O sr. engenheiro Duarte Pacheco com algumas individualidades que assistiram à cerimónia da posse da nova vereação da Câmara Municipal de Lisboa. Discursaram os srs. Ministro do Interior e o novo presidente da Câmara que terminou com estas significativas palavras: «Meus senhores, basta de discursos, e vamos ao trabalho. Termino, lembrando um velho pensamento muito conhecido: «Em todo o empreendimento dois terços hão de entregar-se à inteligência e ao estudo e um têrço à boa estrêla, sendo fraqueza confiar mais à primeira fracção e temeridade à segunda». E' o que vamos tentar fazer

*A' esquerda:* Um aspecto da posse do novo presidente da Câmara Municipal de Lisboa, sr. engenheiro Duarte Pacheco

O sr. comandante Jerónimo Bívar representante do Chefe do Estado, na inauguração da III Exposição de Aves Canoras e Ornamentais, promovida pelo *Notícias Agrícula* de colaboração com o Grémio dos Canicultores

Crianças aguardando a entrada no Jardim Zoológico para a quarta «Merenda de Outono», da iniciativa do chefe do distrito. Reüniram-se ali cêrca de 5 mil crianças e mais do dôbro de pessoas que as acompanhavam

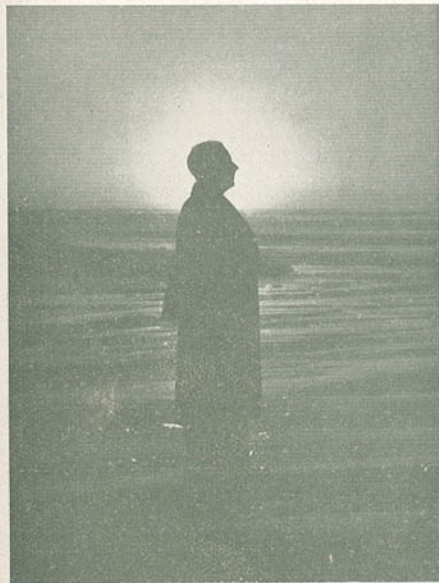
Alguns dos críticos na exposição de trabalhos dos alunos da Escola de Belas Artes. Este certame foi uma verdadeira revelação. — *A' direita:* o sr. governador civil de Lisboa, com a Junta da Província da Estremadura que veio tomar posse e é constituída pelos srs. major António Rodrigues dos Santos Pedroso, dr. António Madeira Pinto, Vítor Bueno Tôrres, dr. António Soares Franco Júnior, engenheiro José de Arriaga e Cunha (conde de Carnide), efectivos, e Carlos Farinha, Carlos Hidalgo Loureiro e Honorato da Silveira, substitutos

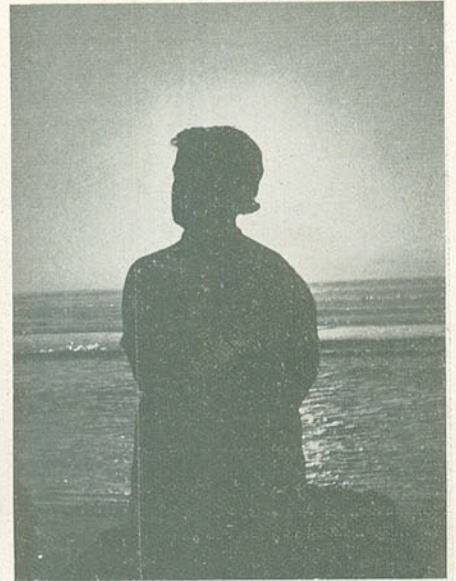
# FESTAS DO ANO NOVO

ASPECTOS das comemorações oficiais do Ano Novo, vendo-se, *em cima:* o Corpo Diplomático na recepção no Palácio de Belem. — *A seguir:* o sr. Presidente da República com o Govêrno. — *Ao centro:* os oficiais da Guarda Nacional Republicana e os dirigentes da Legião Portuguesa nos cumprimentos ao Chefe do Estado. — *Em baixo:* a oficialidade da Armada. O sr. Presidente da República proferiu uma alocução ao País em que há esta afirmação veemente: «Neste momento em que a palavra do Chefe do Estado pode chegar viva aos ouvidos de milhões de portugueses, eu sinto, como se estivessem todos presentes, a estreita solidariedade que nos une e a legítima ambição de, herdeiros de gloriosa tradição, continuarmos a trabalhar pelo engrandecimento de Portugal».

# A MAGIA DO CONTRA-LUZ

Um curioso contra-luz tirado, ao pôr do sol, na Praia do Guincho, em que o sr. dr. Beirão da Veiga aparece como uma auréola luminosa

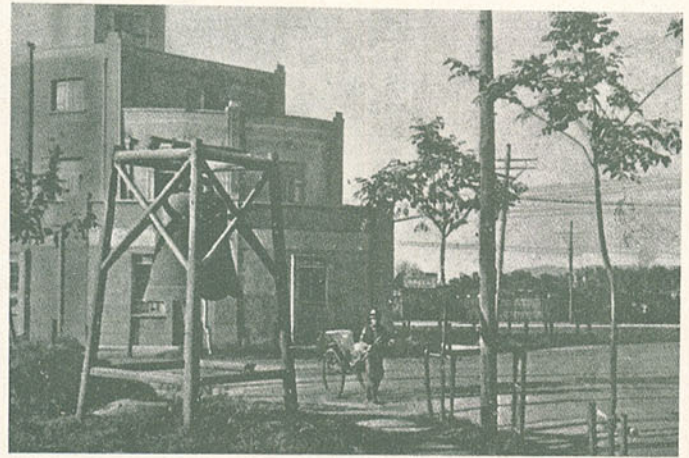
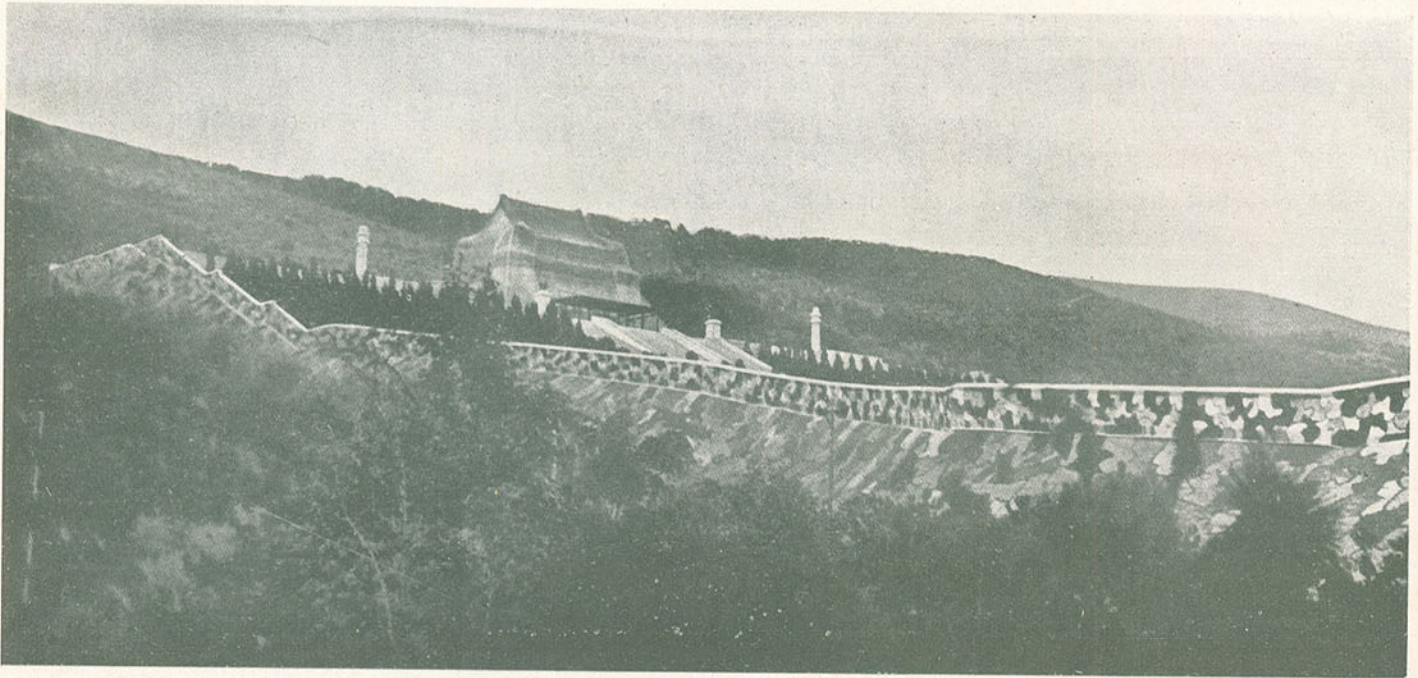
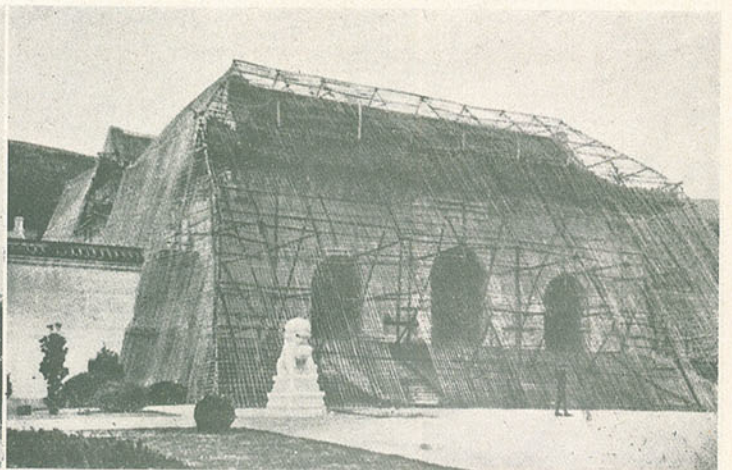
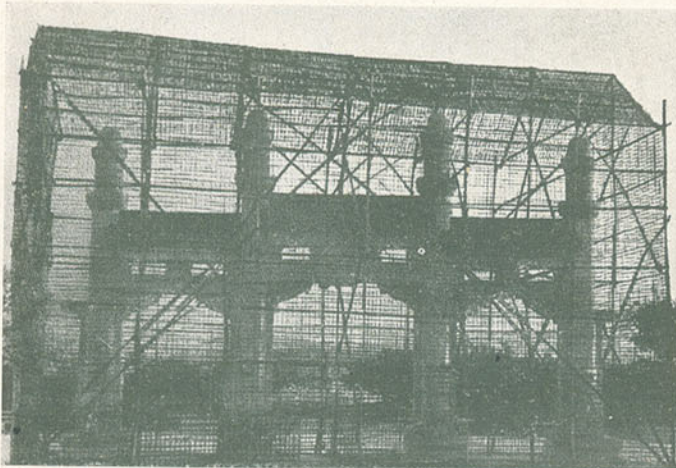
«Luar de Janeiro — fria c'aridade...» — disse o Poeta, e assim o surpreendeu o sr. dr. Beirão da Veiga com a sua m:quina fotográfica em Cascais

Outro efeito de contra-luz na praia do Guincho, quando o sol mergulhava no oceano

Uma silhueta misteriosa deslizando suavemente ao luar na Praia do Guincho

Outro contra-luz em que há arte, suavidade e mistério sob os afagos do sol poente

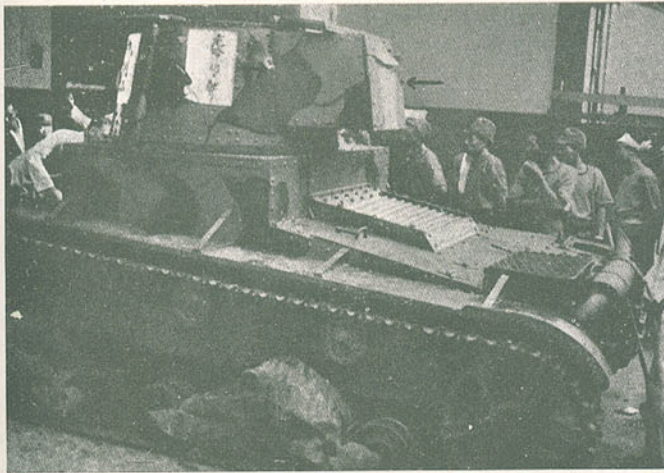
O pôr do sol observado na Praia de Guincho pela objectiva fotográfica do sr. dr. Beirão da Veiga. Um quadro magnífico!

Um contra-luz obtido no Estoril pelo sr. dr. Beirão da Veiga. A vegetação assim recortada tem a vida do colorido mais belo!

# ASPECTOS DA GUERRA DA CHINA

Efeitos do bombardeamento aéreo realizado pelos japoneses, visto da Concessão Internacional de Xangai. Nessa cratera foram mortos algumas centenas de chineses e ali ficaram sepultados, mostrando-se assim a rapidez dos processos modernos

Alarme construido pelos chineses junto do velho templo budista de Nanquim e que servia para avisar a população da aproximação dos aviões japoneses, evitando-se assim que o número de vítimas fôsse maior ainda do que o que se registou

O túmulo de Sun-Yat-Sen disfarçado para evitar o bombardeamento dos japoneses que implacàvelmente procurava os pontos mais queridos dos chineses. Isto dá uma ideia do culto que ali existe pelo grande renovador da China

Dois aspectos da «camouflage» adoptada pelos chineses no túmulo de Sun-Yat-Sen e que mostra o engenho dispendido, pois que o monumento, visto do alto tomava a côr da montanha em que se encontra, sendo difícil visá-lo de bordo de um avião

# EM TODA A SUA ATROZ VIOLÊNCIA

O terrível incendio devastando a cidade de Chapei enquanto as tropas japoneses prosseguem na sua ofensiva tenaz e destruidora. Após uma luta encarniçada, os chineses tiveram de abandonar as suas posições deixando milhares de mortos e feridos

Um «tank» de fabrico inglês que os japoneses capturaram aos chineses num renhido combate em Tsing-Tao. A luta prossegue com a maior intensidade ante a ansiedade do mundo inteiro que ainda não pode prever as conseqüências du ma tal guerra

Ruinas duma repartição chinesa destruida pelos aviões japoneses em Chapei. Soldados japoneses pesquisam entre os escombros quaisquer documentos importantes que possam interessar aos novos ocupadores da cidade, sendo tudo feito com a maior minúcia

Outro aspecto do pavoroso incêndio de Chapei visto de noite, da Concessão Internacional. No horizonte ergue-se o terrível clarão que mostra bem nitidamente a violência das chamas que destruiram milhares de prédios

Os efeitos do bombardeamento dos japoneses no edifício da Estação do Norte em Chapei. As paredes foram rasgadas de alto a baixo, segurando-se o prédio por um capricho de equilíbrio que poupou os tectos e os pavimentos

# DIPLOMACIA CONJUGAL

De vez em quando, sou consultada pelas minhas leitoras, para ajudá-las a resolver os seus problemas sentimentais.

Respondo hoje a duas, porque isso implica com a diplomacia conjugal, que eu já tenho prègado até em livros, e que nunca é de mais pôr em foco.

Àquela que se queixa de que o marido a abandona, por outros amores, direi que seja paciente, que sofra resignada, sem questões nem ralhos. Ele não deixou ainda o lar comum, e para que isso não aconteça é preciso que ela não lhe dê um "pèsinho„ por onde êle lhe pegue.

É duro, bem sei, ter que fingir que acredita na sua lealdade. Mas é inevitável. O homem no amor é contrário do chocolate Matias Lopes. Antes, é que êle está cheio, anafado de todos os mimos e atenções; depois, minhas filhas, começa a emagrecer que é um dó de alma... para nós.

■

A minha segunda consulente vem com coisa mais grave: o homem bate-lhe.

E isso agora torna mais difícil o meu papel de bandeira de paz. Pancadas, nem os cãis as querem.

Lá levar um bofetão do pai, um açoite da mãi, quando se é pequena, vá, mas que um homem, um estranho, que nós trouxemos até nós pelo nosso amor, nos espanque, é que já fia mais fino.

E a resposta número dois tem que ser para o homem: — Os tempos agora são outros, não há punhos de renda, a linda frase do poeta "numa mulher não se bate nem com uma flor„ passou de moda.

Mas o que não deve nunca esquecer é que o homem, quando bate numa mulher, perde a sua dignidadee mostra-se cobarde. Um homem é para outro homem, em antagonismo. Para a mulher deve ser o companheiro-amigo.

Este em questão diz que é por causa do génio dela. As mulheres quási sempre perdem em contenda com o homem. Todos lhes deitam a culpa. Até umas às outras se caluniam, quando deviam unir-se contra o inimigo comum.

Vejam lá como a história apresenta a pobre Xantipa — a mulher de Sócrates, um sujeito feio, de nariz arrebitado e de ponta esborrachada como um focinho de "bull-dog„.

Dizem que era muito má para o marido, e os caricaturistas da época desenhavam-na de chicote em punho, ameaçando o filósofo, que ela trazia prêso a uma correia como um cão.

Afinal a mulher era uma excelente dona de casa, boa esposa e boa mãi, só embirrando com o tempo que êle dispendia, em palestras filosóficas, com uns pseudo-alunos que não lhe davam vintem, em vez de olhar pela família.

E ainda por cima estafou, em especulações infelizes, o dote da paciente Xantipa.

Aqueles que batem nas mulheres e dizem, para se desculpar, que elas têm mau génio, não merecem benevolência nenhuma.

■

O que é preciso, de parte a parte, é prudência e paciência, e muita habilidade para não exteriorizarem os seus sentimentos.

O homem deve esconder a saciedade que o faz esfriar perante seduções por demais conhecidas, a mulher disfarçar o ciúme que lhe mina o socêgo, para manter o respeito.

Para a saciedade dos sentidos há a compensação da estima, da amizade forte e saüdável, que deve perdurar entre os casados.

Escondendo o seu ciúme, fingindo que não sabe das leviandades do marido, a mulher continuará a disfrutar da sua estima e da sua consideração, porque se inteira de que "ela sabe tudo„, então acabaram-se as desculpas, acabaram-se alguns presentes que êle lhe fazia para amainar os seus remorsos de enganar uma esposa "tão boasinha, coitada, que nem de longe suspeita da sua traição„. E é disto que os homens gostam.

■

Resumindo:

Raríssimos chegarão ao fim de uma união de muitos anos, sentindo pela esposa desaparecida para sempre o pesar, a saüdade, o íntimo desgôsto que arrasa a alma, que António Ferreira, assoalha, sem pejo, e sem receio das vaias dos descrentes do amor puro, por tanto amar.

— Homens, que mal a última pàsada de terra cobre a vossa companheira voltais logo a atenção para novos encantos, e estendeis os braços a novas cadeias, lêde estes versos e aprendei a amar sem o acicate irritante dos versos sentidos como único estímulo; vêde como o poeta pranteava a esposa morta:

*Aquele claro sol que me mostrava*
*O caminho do céu, mais chão, mais certo,*
*E com seu novo raio ao longe e ao perto*
*Tôda a sombra mortal m'afugentava,*

*Deixou a prisão triste em quem cá estava:*
*Eu fiquei cego e só, com passo incerto,*
*Perdido peregrino no deserto*
*A quem faltou a guia que o levava.*

*Assi co'o espírito triste, o juízo escuro,*
*Suas santas pisadas vou buscando,*
*Por vales e por campos e por montes.*

*Em tôda a parte a vejo e a figuro:*
*Ela me toma a mão e vai guiando,*
*E meus olhos a seguem, feitos fontes.*

Era assim que se amava no século XV, era assim, com mais suavidade, com menos ímpetos da carne, mas mais profundamente, com um amor mais agarrado à alma.

Os homens eram, como agora, os mesmos inconstantes, quanto à materialização dos seus desejos; assim nasceram e assim hão-de morrer.

O poeta decerto algumas canivetadas deu no seu contracto matrimonial, a sua boca se perdeu, por vezes, noutros beijos, mas soube fazer a distinção.

Da sua alma não tirou uma nesgasinha para ofertar às mulheres que passaram na sua vida, de fugida.

Conservou-a inteirinha, para a escolhida companheira do seu lar.

As outras eram flores que se colhem, cujo aroma se aspira e logo se deitam fora; a sua esposa era a flor predilecta, de estimação, e que depois de murcha ainda guardava o precioso aroma — o fluido de amor sincero e único que o prendera para sempre.

E é isto que os maridos de hoje deviam fazer. E' isto que as esposas de agora devem querer, e com isso contentar-se, e deixar-se de cenas de ciumes que estragam a felicidade.

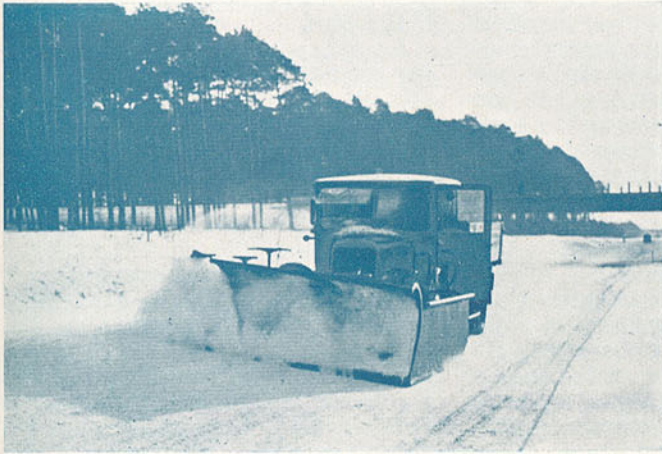
E é para isto que homem e mulher devem consagrar o seu espirito ao estudo da diplomacia conjugal o unico segredo da tranquilidade nos lares.

MERCEDES BLASCO.

# ACTUALIDADES ESTRANGEIRAS

Aspecto do sumptuoso palácio de Potsdam na noite de Natal. Êste edifício que Frederico o Grande fez erguer, está hoje transformado em escola dos Chefes do Serviço de Trabalho Alemão

O famoso cavalo «Doheos», que é hoje conhecido no mundo inteiro pelos seus trabalhos de alta escola, ensinados pelo dr. Hermann Ostermaier-Munich, seu dono que lhe tem dedicado o melhor da sua atenção

O general Ludendorff, com sua esposa, na sua vivenda em Tutzing, no dia do seu 70.º aniversário natalício. A sua recente morte militar, vem evocar esta fotografia de há tres anos

Na Alemanha neva com tão grande intensidade que estão sendo utilizados vagões que limpam toda a neve acumulada nas estradas, facilitando assim o trânsito. Como se vê, para tudo há remédio neste mundo de contratempos

A capela ardente diante da «Feldhewnhalle» em Munich, por ocasião dos funerais do general Ludendorff. Os militares prussianos, firmes como estátuas, velam junto da urna funerária do chefe que sempre os acompanhou nas horas de perigo

Os pais Noel entregam ao Führer um gigantesco pão de espécies consoante a velha tradição alemã. A fotografia acima mostra a satisfação de Hitler diante dos barbaçudos que as crianças adoram nesta época do ano

A pele de bacalhau curtida pela engenhosa indústria alemã e que está sendo utilizada em variadíssimos fins, uma das quais é a do calçado. Por êste andar, mais dia, menos dia, até a pele das batatas passa a ser aproveitada

NÉVOAS DO PASSADO

# A triste história de Luiza da Bélgica

## Uma vida de desventuras que o amor epilogou com felicidade

*A fuga da princesa*

*A princesa Luiza da Bélgica*

ERA no Prater — o formoso bosque, situado nas margens do "belo Danúbio azul», onde a alta aristocracia de Viena se dava *rendez-vous* às cinco horas — por uma dessas radiosas tardes de outono em que a estação, tal como uma linda mulher garrida que, desejando ser recordada com saüdade, se despede dos seus admiradores, lançando-lhe um último sorriso verdadeiramente estonteante — se ornara das suas mais opulentas galas para honrar os últimos dias de Setembro.

Uma bela despedida, repleta ao mesmo tempo de magnificência e de tristeza. Ouvia-se, em todo o Prater, o sinistro marulhar das árvores agitadas pelo vento já agreste de outono e, uma a uma, as fôlhas amarelecidas desprendiam-se dos ramos, volteavam no ar, em bailados loucos, como asas fulvas de mariposas de oiro, até que vinham imobilizar-se no solo como para o seu último sôno.

Nessa tarde o Prater estava mais animado do que nunca. Era o dia elegante da semana. A côrte, a nobreza, a alta burguesia, e mesmo algumas representantes do *demi monde* vienense, em suma, tudo quanto a capital dos Habsburgos, contava de célebre e de requintado, passeava no elegante bosque. Os *landeaux* os caleches, as vitórias, puxadas por magníficos puro-sangues, deslizavam, vagarosamente, sôbre a alcatifa dourada das fôlhas sêcas.

De cigarros acesos, da ponta dos quais o fumo se evolava em espirais de fumo azulado, os *dandis* vienenses (os oficiais envergando os seus magníficos uniformes brancos, os civis trajando os seus discretos, mas elegantíssimos fatos de montar) passeavam, sofreando os fogosos cavalos de raça, conversando animadamente uns com os outros, sem perderem de vista, é claro, o elemento feminino.

Ouvia-se o tilintar das espadas, o tenir das esporas, o som cantante das vozes e ruído argentino das gargalhadas. Sôbre cada uma das mulheres que passavam nas suas carruagens, languidamente reclinadas nas almofadas de setim e com os pés voluptuosamente enterrados na sedosa neve dos tapetes de pele de urso branco, faziam-se comentários, observações, trocavam-se ditos picantes e contavam-se *cancans*, por vezes um pouco vivos.

Havia, realmente, ampla matéria para comentários. Achavam-se reünidos no Prater as mais lindas e as mais célebres mulheres da cidade, e Viena era, então, não só a capital do império austríaco, mas também a capital do reino do Amor...

Num grupo de moços oficiais do exército de Sua Majestade Imperial, os mais versados nos assuntos mundanos contavam aos seus camaradas as galantarias das formosas passeantes. Todos os oficiais riam, divertidíssimos, excepto um tenente de cavalaria que, triste e pensativo, com os olhos velados por uma bruma de sonho, se conservava insensível à alegria dos seus companheiros. Era o conde Geza Mattachich-Keglevitch, um rapaz tão nobre de nascimento como de espírito, um romântico, um sentimental e não um homem de prazer, um materialista grosseiro, amante das aventuras do acaso, como os outros, incapaz de se deixar prender por aquelas mulheres, género "bibelots sem alma».

Entretanto, o desfile das sereias vienenses continuava. Uma a uma, as mais decantadas estrêlas do firmamento mundano da cidade de Danúbio iam desfilando. De súbito, uma luxuosa carruagem surgiu na álea central e, desta vez, sem fazerem a menor observação, todos os oficiais se curvaram respeitosamente sôbre os selins.

A carruagem, conduzido por um cocheiro e trintanário envergando uma libré brazonada com as armas dos príncipes de Saxe-Coburgo-Gota, avançou a passo, de modo que o tenente-conde de Mattachich, pôde examinar, detalhadamente, a deslumbrante criatura que lá se encontrava.

Era uma formosíssima mulher de trinta anos, loira, de grandes olhos sonhadores, majestosa e triste como uma raínha exilada.

O conde de Mattachich, mirou-a, demoradamente, fixamente, de forma tal que ela o olhou também. Se aqueles que negam a possibilidade das paixões fulminantes, dos grandes amores nascidos dum simples volver de olhos, tivessem podido ver essa cêna muda, reconheceriam o seu êrro.

O altivo e melancólico tenente Mattachich, abandonou a sua atitude distante e, inadvertidamente, impressionadíssimo com a aparição dessa Juno loira, esporeou violentamente o seu cavalo. O animal espantado, empinou-se, deu uma volta rápida sôbre a esquerda, distendeu, subitamente, os seus vigorosos músculos e abalou numa desordenada correria. Outro qualquer cavaleiro que não fôsse o tenente-conde de Mattachich teria sido imediatamente cuspido da sela. Mas o jovem oficial montava como um cossaco do Don, como um filho do país das estepas e, momentos depois, o cavalo achava-se completamente dominado.

E de novo os belos olhos, inteligentes e tristes, do moço tenente austríaco procuraram a Juno loira.

Dir-se-ia que essa fôrça misteriosa e invencível que atrai os sêres uns para os outros, também exercera nela o seu mágico domínio, pois, curvada sôbre a portinhola da carruagem, as mãos crispadas e o olhar esgazeado, a formosa mulher seguira ansiosamente com a vista tôda a cêna.

Ao ver, por fim, o cavalo dominado, um pequeno suspiro de alívio fugiu-lhe dos lábios e um doce clarão de ternura fuzilou nas suas maravilhosas pupilas.

Um simples encontro, uma simples troca de olhares, e eis duas almas unidas indissoluvelmente: as almas do tenente-conde Geza Mattachich Keglevitch e a da princesa Luíza, filha do rei Leopoldo II da Bélgica, que um casamento imposto unira ao príncipe Felipe de Saxe-Coburgo-Gota, irmão do soberano da Bulgaria.

Em breve, o destino reüniu o conde e a princesa real da Bélgica, num baile dado no palácio imperial. De longe, perdido na multidão dos convidados, Mattachich inebriava-se na contemplação da Juno de Coburgo — a raínha da festa — à volta de cujos ombros nús todos os homens, arquiduques, príncipes, titulares, oficiais, diplomatas, trémulos de admiração, se acotovelavam.

E enquanto ela, arrastando a cauda do seu vestido de setim branco, valsava nos braços de qualquer príncipe, ou de qualquer arquiduque, êle idealizava mundos de venturas, contemplando-a.

Luíza de Coburgo possuia essa formosura olímpica e grandiosa que assenta maravilhosamente nas personagens reais A filha de Leopoldo II, a tulipa nórdica desabrochada no castelo Lacken, reünia em si a beleza ofuscante duma Vénus, a frescura duma Hebe e a majestade duma Juno. Era alta, magnífica, escultural, imponente mesmo, como uma dessas patrícias venezianas que surgem vestidas de ninfas nas telas de Giorgione e Ticiano.

Um artista, chamasse-se êle Canova, Thorwaldson, ou Rodin, extasiar-se-ia perante o soberbo mármore — género Vénus de Milo que era o corpo da princesa de Coburgo — e lamentaria, talvez, irem bem longe os tempos em que, como no alvorecer da Renascença, as princesas se desnudavam na presença dos mestres do cinzel, a-fim-de poderem ser imortalizados aqueles braços, verdadeiras serpentes de jaspe, dum molde ao mesmo tempo clássico e voluptuoso; aquele magnífico colo de garça; aqueles ombros admiravelmente lançados; aquele pescoço duma rara perfeição de talhe que dir-se-ia modelado pelo duma imperatriz romana e de todos esses outros tezouros de formosura que se adivinhavam atravez das rendas e das sedas dos trajos de *soirée*, nalguma estátua de Juno ou de Palas Ateneia.

O rosto, dum oval um pouco alongado como o das virgens dos retábulos primitivos, tinha a nobre e académica correcção dum busto helénico. O perfil que é, como disse Barbey d'Aurevilly, a confirmação e o escolho da beleza feminina, possuia-o ela traçado com uma pureza verdadeiramente ideal. Os cabelos eram loiros, dêsse loiro cendrado, peculiar às filhas do país dos *fjords*, que parece ouro polvilhado de cinza, ou como descreveu um bardo, "vapor do Cromla dourado pelos raios do Ocidente». Pálida, muito pálida mesmo, a lactea alvura da sua têz, poucas vezes se animava dum reflexo de rosa, de modo que as suas maravilhosas pupilas fulvas, palhetadas de centelhas, assemelhavam-se a duas preciosas aventurinas incrustadas no mármore.

Um dia, no decorrer duma dessas encantadores festas vienenses, onde há sempre jardins iluminados *a giorno* e uma orquestra invisível que executa valsas de Strauss com o perturbador encanto dos musicos austríacos, o conde Geza Mattachich foi apresentado à princesa Luíza de Coburgo.

A filha de Leopoldo II não esquecera o cavaleiro do Prater. Ao ver o jóvem tenente, os seus lábios purpurinos entreabriram-se num sorriso, deixando ver uma deslumbrante fileira de dentes tão brancos e luminosos como o colar que lhe ornava o colo e, num gesto simples e gracioso, estendeu-lhe a mão — a sua linda mão, longa, fina, patrícia sulcada de veias azuis — que Geza Mattachich beijou comovido.

A partir dessa noite, estabeleceu-se entre os dois uma estreita camaradagem, uma dessas terríveis amizades amorosas de que o Amor se serve para colher os incautos nas suas rêdes de oiro, e, de olhos vendados, os conduzir aos maiores desvarios...

O inverno chegou, cobrindo as avenidas do Prater dum manto real de arminhos brancos. E o inverno encontrou-os os dois — êle no seu brilhante uniforme, ela na sua elegantíssima amazona preta com um chapéu alto de pêlo de seda envolto num véu de gaze azulada flutuando ao vento — passeando juntos, a cavalo, pelas avenidas do bosque discutindo animadamente. Veio a primavera, transformando o Prater num frondoso bosque de écloga. E a primavera encontrou-os passeando, lado a lado, pelas aleas — verdadeiros tuneis de verdura — conversando afectuosamente. Passou o verão, veio o outono, atapetando as ruas do parque com o damasco dourado das fôlhas sêcas, e desta vez êles — já *êles* — perturbados pela inebriante doçura daquele voluptuoso outono, apearam-se, prenderam os cavalos ao mesmo tronco e fôram sentar-se os dois num velho banco de pedra coberto de musgo.

E, na solidão daquele poético recinto, a princesa, dominada por uma tristeza imensa, sentindo o coração trasbordar-lhe de dor, falou-lhe de si — o que até àquele momento nunca tinha feito, contou-lhe as suas mágoas, as suas desilusões, tôda a infelicidade, tôda a miséria íntima da sua existência que em Viena julgavam tão venturosa e tão brilhante: a sua triste infância, passada no sombrio castelo de Lacken, junto duma mãe boa, mas duma severidade inflexível e dum pai que nunca lhes falava, no meio dum protocolo intenso, tratada como se fôsse uma arquiduquesa do tempo de Carlos V; depois, o seu casamento, aos desassete anos com o príncipe de Coburgo, um estranho, um desconhecido. ao qual — porque o destino a fizera nascer nos degraus dum trono, isto é escrava da razão do Estado, — a tinham unido sem a consultarem.

Com as faces orvalhadas de lágrimas, Luíza confessou-lhe a invencível repugnância física e moral que êsse homem, desde o primeiro dia, desde a primeira noite, lhe inspirara; a sua revolta, quinze dias depois do casamento, quando, certa da incompatibilidade absoluta de temperamentos e génios que existia entre ela e o príncipe, escrevera à mãe suplicando-lhe que consentisse numa separação e a deixasse regressar à Bélgica.

As lágrimas deslizavam pelas faces da infeliz princesa, enquanto evocava a Mattachich o sacrifício que fizera, perante os contínuos pedidos da raínha, sua mãe, em permanecer junto dêsse ente odioso que quotidianamente, dominado por acessos de cólera-louca, a enchia de maus tratos e cobria de insultos; a profunda desilusão que o crescimento dos filhos lhe havia causado (ambos a viva imagem do pai: um pequeno arquiduque e uma pequenina arquiduqueza futeis, egoistas vaidosos, que a tratavam friamente, ceremoniosamente, quási hostilmente); por fim, todos esses longos anos de solidão em que nova e — diziam — formosa, adulada, rodeada duma turba de admiradores, vivera no mais corrupto dos ambientes, conservando-se fiel a êsse homem, a êsse intruso que tão pouco merecia que o respeitassem.

O tempo foi passando. Decorreu um ano, dois, três e chegou o dia em que Luíza de Coburgo compreendeu que o seu coração já não lhe pertencia, que o dera para sempre a Geza Mattachich.

À beira do abismo quiz lutar ainda, defender-se contra a tentação, mas a sua alma sequiosa de ternura, ávida de amor falou mais alto que a razão, e chegou o momento em que êsse afecto, êsse grande e verdadeiro afecto, se materializou numa posse inebriante.

Após êsse instante de abandono, a princesa conheceu horas de amargo arrependimento, porém, era tarde de mais. Por nada no mundo renunciaria ao seu adorado Geza, mas como também lhe repugnava descer à ignomínia de espôsa infiel a viver junto do marido — como tantas outras mulheres casadas — a existência em comum, só lhe restava tomar uma resolução. Fugiriam ambos para longe, para muito longe, iriam viver os dois na América ou na Austrália, uma vida de felicidade. Os filhos, que não a amavam, esquecê-la-iam imediatamente. O marido? É possível, sim, que sofresse na sua vaidade ferida, mas essa ferida cicatrizaria bem depressa.

Permanecer no lar conjugal? Suportar essa situação atroz e degradante pela delicada sensibilidade de ambos? Para quê? Tudo se descobre infelizmente. Um dia, o príncipe surpreendê-los-ia, mataria Geza Mattachich, ou obteria do imperador um mandato de exílio contra o rival feliz e ela nunca mais o veria. Não! mil vezes não! Era preferivel fugir!

Uma bela manhã, os dois fugitivos desembarcavam em Nice, mas quando se julgavam finalmente livres, depois de

tudo haverem sacrificado, o marido atraiçoado surgiu-lhes pela frente.

O príncipe vinha possuído duma sêde desvairada de vingança e, desejando lavar com sangue o ridículo de que Mattachich o cobrira à face de tôda a Europa, desafiou-o para um duelo,

Era a mais rematada das loucuras da parte de Felipe de Coburgo querer medir-se com um atirador como Geza Mattachich Keglevitch.

O conde podia, abusando da sua superioridade nas armas, ter estendido Felipe de Coburgo, morto a seus pés, mas, nobremente no primeiro duelo, atirou para o ar, e no segundo a sabre, limitou-se a fazer-lhe uma pequena arranhadura na mão.

O príncipe com a sua mão enluvada de sangue retirou-se do campo muito calmo. Um sorriso terrível, imagem do maquiavélico projecto que a sua mente urdia, franzia-lhe os lábios num rictus sardónico...

Volvidos dias, o conde Geza Mattachic, acusado de haver assinado cheques falsos, era preso com a princesa Luíza e conduzido à Austria.

Iam longe os tempos em que se assassinavam, ou se encerravam em masmorras, aqueles que tinham cometido o pecado do amor, mas ainda havia meios de castigar os culpados... O poder da águia dos Habsburgos ainda era soberano em todo o império austríaco...

Um mez depois, o conde Geza Mattachich, demitido do exército, dava entrada na fortaleza de Moellersdorff e a princesa Luíza de Coburgo era internada numa casa de saúde, como louca.

Tinham-lhe dado a escolher: ou voltar ao seu palácio e retomar a sua vida conjugal, ou ser encerrada para sempre num hospital de doidos. Ela recusou tenazmente a voltar para junto de Felipe de Coburgo. A 9 de Maio de 1898 fecharam-se sôbre si as portas do hospital de Doebling, e Luíza de Coburgo viu-se rodeada de loucos de máscaras transtornadas, soltando gritos infernais. Por momentos, a infeliz temeu enlouquecer...

Ao lado da princesa colocaram uma espia vestida de enfermeira, *Fraulein Gebauer*, criatura sinistra encarregada de a vigiar, de dia e de noite, e um carcereiro (o médico director da Casa de Saude) que, dia e noite também, velava atentamente, a-fim-de impedir qualquer tentativa de evasão, ou de correspondência com o exterior.

E assim se passaram quatro anos de mutismo, de isolamento, de prisão.

Ao cabo dêsse tempo, o imperador restituiu a liberdade a Geza Mattachich e, um dia, passeava a princesa com os seus dois guardas — o Dr. Peerson e a Gebauer — na floresta de Koswig, quando se cruzou com um elegante ciclista.

O coração bateu-lhe desordenadamente e por pouco um grito de surpresa lhe não fugiu dos lábios. Acabava de reconhecer Geza Mattachich!

Trocaram os dois um olhar demorado e nada mais. Pareceu, ela compreender que alguém pensava nela e alguém que seria capaz de revolver ceu e terra para a libertar...

Durante dois anos — ainda dois anos de suplício — foi impossível tentar qualquer meio de evasão. Finalmente, a 28 de Julho de 1904, durante uma visita que fizera, acompanhada dos seus carcereiros — os carcereiros que o marido e os filhos pagavam principescamente para a guardar até à morte — à exposição de Dresde, encontrou-se de novo com o ex-oficial de cavalaria numa das salas. Aproveitando a providencial distracção do médico e da enfermeira que, numa dependência vizinha, conversavam com amigos comuns, os dois amantes combinaram um plano de fuga.

*A vila de Lindenhof, onde a princesa esteve internada como se duma louca se tratasse*

No dia seguinte, de volta à vila de Lindenhof para onde ultimamente fôra mudada, Luíza de Coburgo mostrava-se apreensiva a respeito do seu estado de saude e manifestava desejo de ir fazer uma cura nas termas de Elster.

O Dr. Pierson acedeu e, uma vez em Elster, com a princesa, de dia seguida constantemente pela Gebauer, e de noite fechada e um guarda no corredor, sentia-se tranqüilo.

Mas, a não ser que a fatalidade se oponha ferozmente, não há cadeia que o verdadeiro amor, auxiliado pelo ouro gasto às mãos cheias, não consiga quebrar.

Um amigo íntimo do conde de Mattachich, Joseph Weitzer, instalou-se no hotel e conseguiu comprar os criados. Tiraram o molde da fechadura, fabricaram uma chave, e, a 31 de Agosto de 1904, de noite, adormecido o guarda por meio de narcótico, Luíza da Bélgica, palpitante de angústia, sentia a porta dos seus aposentos abrir-se vagarosamente, para a liberdade.

Num quarto do rés-do-chão estavam reünidos Geza Mattachich, o seu amigo e alguns criados. Saltaram os três, a princesa, o conde e Weitzer, pela janela e fugiram através dos campos.

Durante uma hora foram obrigados a esperar o carro que devia vir buscá-los e ali, junto às margens dum poético rio que a esplêndida claridade do astro da noite transformava numa corrente de prata liquefeita, sob um firmamento constelado de estrêlas radiantes que brilhavam no veludo nocturno como gemas arrancadas a um diadema real, a pobre fugitiva viveu os momentos mais angustiosos da sua vida...

A todo o momento parecia-lhe vêr surgir o Dr. Peerson e a sua inseparável cumplice para a recapturarem.

Mas o destino, após tantas e tão crueis provações — os prematuros fios de prata que brilhavam, aqui e acolá, por entre os seus magníficos cabelos de ouro e cinza o diziam — compadecera-se da princesa Luíza.

Depois de passarem muitos riscos e correrem muitos perigos — sempre auxiliados pela afectuosa piedade de todos — conseguiram atravessar a fronteira e chegar a Paris.

A princesa real da Bélgica convocou imediatamente para uma conferência os mais ilustres médicos alienistas franceses, e, uma vez a sua razão reconhecida como sã, pediu e obteve da côrte de Viena o seu divórcio do príncipe Felipe de Coburgo.

— O conde Geza Mattachich — afirmou ela aos jornalistas que a foram entrevistar — sacrificou tudo por mim: a sua carreira, a sua posição e a sua fortuna. Eu renunciei tudo por êle: aos meu filhos, à minha família, aos meus bens e à minha reputação. Hoje sou apenas uma mulher abandonada e proscrita, mas sou uma mulher feliz!

E era feliz, realmente, como o são tôdas aquelas a quem é concedida a suprema ventura de encontrarem o verdadeiro amor — a maravilhosa "flôr azul„ que, a meu vêr, é mais rara ainda que essa outra flôr que, disse o poeta,

*Em cem anos floresce apenas uma vez!*

Decorreram anos, muitos anos, sem que uma núvem sequer viesse toldar o ceu que era a existência de Geza e Luíza. Já perto de dezanove vezes o inverno cobrira a terra de núvens e a primavera a esmaltara de rosas quando, um dia — a lei fatal é implacável para todos — Mattachich morreu, mas feliz e resignado, nos braços da sua adorada princesa.

Ela seguiu-o de perto. Três meses depois, em Wiesbaden, em Março de 1924, o coração que tanto pulsara por Geza Mattachich emudecia para sempre.

EUNICE PAULA.

# FESTA DE FIM DO ANO

O pessoal da Vacuum Oil Company festejou brilhantemente a entrada do Ano Novo. *Em cima:* sessão nas instalações de Matosinhos, a que se seguiu a festa da família do pessoal. *Ao centro:* A árvore do Natal dos filhos dos operários. *Em baixo:* O grande jantar anual da Família Gargoyle realizado no Grémio Alentejano

# A QUINZENA DESPORTIVA

*A categoria de honra de footbal do Sporting Club de Portugal que após a sua brilhante vitória no campeonato de Lisboa alcançou sôbre o club hungaro um êxito notável*

DURANTE a quinzena festiva do Natal ao Ano Bom exibiu-se em Lisboa o grupo Hungária, de Budapeste, um dos mais afamados representantes do futebol "magiar".

As equipas hungaras, cujos créditos estão firmados de longa data por notável folha de triunfos internacionais, visitam com freqüência Portugal onde a sua técnica precisa, embora pouco espectaculosa, é bastante apreciada. Desta vez, o êxito de interesse despertado pela série de jogos que disputaram não contradisse a tradição, antes foi aumentado pela façanha notável dalguns grupos portuguêses conseguindo vitórias que lisongeam o nosso nacionalismo desportivo.

Estreando-se por um empate com o Belenenses, os hungaros derrotaram em seguida o forte agrupamento do Benfica causando na crítica profunda impressão pela forma fácil como dispuzeram do adversário.

Na semana imediata, porém, as coisas mudaram de figura. Apesar do descanso de cinco dias, os jogadores visitantes na sua melhor formação não conseguiram suplantar o entusiasmo e a classe do campeão de Lisboa, que os bateu com absoluto merecimento por 3-1; e, confirmando êste resultado, uma selecção dos três clubs organizadores, que bem merece a designação de representativa regional, dobrou a dose no dia seguinte ganhando-lhes por 6-2.

Ora, pelas praxes duma velha norma lusitana, a opinião pública que após a vitória dos estrangeiros sôbre o popular grupo "vermelho" lhes conferira diploma de valorosos e sabedores, passou a desmerecer-lhes a classe e competência quando os viu batidos por jogadores nacionais.

É pecha de sempre em espíritos portugueses, diminuir os êxitos dos nossos, recuzando categoria àqueles aos quais se impuzeram.

No caso presente o pessimismo é flagrante; o Hungária é incontestàvelmente um dos grupos mais fortes da Europa Central, segundo classificado no campeonato do seu país e digno representante duma escola de futebol consagrada entre as melhores do momento. Uma equipa onde alinham seis elementos pertencentes ao grupo nacional hungaro não pode deixar de ser uma formação de elevada categoria internacional.

Devemos aplaudir sem reservas as vitórias dos grupos portugueses, considerando-as auspicioso pronúncio dum progresso técnico que nos permita todas as ambições.

■

O handball, que é o mais joven de todos os jogos desportivos cultivados em Portugal, pois a sua introdução no país data apenas de há sete anos, experimentou rápido desenvolvimento para nestes últimos tempos estagnar lamentàvelmente.

Muito mais apreciado no Pôrto, onde o interesse público permite organizar competições rendosas, o handball merece ser levado pela propaganda a todos os cantos da província pois se reveste das melhores características dum jôgo educativo, simultaneamente espectacular e enofensivo para os praticantes.

Em Lisboa, os progressos de divulgação podem considerar-se nulos, pois o número de colectividades praticantes já foi superior ao que é na actualidade e a classe do jôgo parecia, também, em assentuado declínio; e dizemos parecia, em contrário da opinião pessoal várias vezes categoricamente expedida porque, numa recente visita ao Pôrto, o Sporting Club de Portugal veio provar situação inversa, sobrepondo-se aos campeões do Norte e fazendo alarde de tal técnica de conjunto que a severa crítica portuense lhe teceu em unanimidade os mais calorosos encómios.

Este acontecimento colocou de novo em foco a inconsistência da lógica desportiva; na época em que o club dos "leões" dominava como queria a falange dos seus adversários lisboetas e em que o handball "alfacinha" alcançou a sua única vitória de selecção contra o rival "tripeiro", o Sporting visitou o Football Club do Porto no seu feudo e recebeu severa punição; êste ano, após um desastroso princípio de actividade que o relegou para o último lugar no torneio de Preparação, com um empate e duas derrotas, abalança-se sem grandes ambições até às margens do Douro e regressa com duas retumbantes vitórias.

Como não acreditamos em milagres no campo de desporto, devemos procurar a explicação desta subida inesperada de rendimento em influências de ordem moral ligadas à noção duma responsabilidade invulgar. O Sporting possuia entre os seus jogadores as unidades valiosas bastantes para constituir uma grande equipa, mas andava à procura de si próprio; perante o perigo, encontrou-se subitamente.

Oxalá não volte a perder-se.

■

Manuel Nogueira, o vencedor do «cross» de Abertura e o melhor atleta da especialidade

*Uma estirada formidável do guarda-redes Azevedo, no jôgo em que o mixto português venceu nitidamente o Hungária*

Foi tornado público recentemente o regulamento de organização da secção feminina da Mocidade Portuguesa, complemento esperado e necessário da obra que abrange há já um ano os rapazes do nosso país. A finalidade da nova instituïção, em paralelismo perfeito com a da secção masculina, compreende "a par da educação moral, social e cívica das filiadas, a sua educação física, dentro de bases que a mantêm associada à higiene, visando o fortalecimento racional, a correcção e a defeza do organismo, tanto como a disciplina da vontade, a confiança no esfôrço próprio, a lealdade e a alegria sã, mediante actividades rigorosamente adequadas ao sexo e à idade, mas excluindo as competições ou exibições de índole atlética, os desportos prejudiciais à missão natural da mulher e tudo o que possa ofender a delicadeza do pudor feminino".

A Mocidade Portuguesa Feminina engloba a juventude de todo o Império, obrigatoriamente desde os 7 aos 14 anos e facultativamente depois desta idade, dividida em escalões de actividade progressiva.

Eis-nos na presença dum novo organismo da mais flagrante utilidade nacional, destinado a modificar profunda e vantajosamente o espírito e os costumes da futura mulher portuguesa, mas cujo desenvolvimento prático no capítulo da educação física encontrará as maiores dificuldades de execução porque o meio não está preparado para suportar tamanho acréscimo de actividade pedagógica.

A Mocidade Masculina tem vivido em embaraços pela escassês de professores de gimnástica; as raparigas devem ser em número equivalente, as professoras são, com certeza, muito menos e, portanto, a solução do problema bastante mais improvável.

O obstáculo é invariàvelmente o mesmo, impõe-se em evidência a cada passo, mas ninguém se decide a resolvê-lo pela única forma decisiva.

Quando teremos em Lisboa uma escola oficial de educação física? Quando receberá o Estado os esforços admiráveis de tenacidade que a Escola Superior de Educação Física da Sociedade de Geografia dispende há sete anos, de cujos resultados beneficiam já as organizações oficiais, e que no entanto prossegue a sua missão desacompanhada de reconhecimento a que tem legítimo direito?

■

Realizaram-se durante a quinzena as primeiras competições de atletismo de inverno, na forma clássica da corrida pelo campo.

Não foram, nem piores nem melhores do que as dos anos precedentes, porque mantiveram rigorosamente a característica que a rotina estabeleceu e os dirigentes, por comodismo, se não dispõem a alterar.

O calendário da época é a cópia fiel do programa da época precedente, como êste o fôra do anterior, e assim sucessivamente até um passado longínquo.

O meio é mesquinho e o interesse do público anda desviado para outros lados, mas apezar disso julgamos que seria possível orientar de maneira diferente a actividade do "cross-country", fazendo-lhe ganhar popularidade.

Porque não promover, por exemplo, provas curtas e em circuitos repetidos traçados nas imediações dos campos onde se realizem encontros importantes de foot-ball, e donde os corredores partiriam e chegariam, atravessando-o ainda a cada passagem intermediária?

Oferecer-se-ia por esta forma uma distracção à assistência durante os minutos de intervalo e os resultados de propaganda da modalidade seriam excelentes.

SALAZAR CARREIRA.

*O Casa Pia Atlético Club, de gloriosas tradições, sobrepondo decidida vontade às dificuldades ocasionais de campeonato, conseguindo conservar o seu posto na Divisão de honra, batendo duas vezes o Operário F. C. pela marca de 4 bolas!*

## O PERIGMARELO

# O Japão estántra a China?

### Não. Pretende a defendê-la contra a cubiça dos ho da raça branca

Chang-Kai-Chek e o seu horoscopo

Quais serão as conseqüências do actual conflito sino-japonês? Eis o que ninguém sabe, a não serem os astrólogos que se pronunciam, dia a dia, elaborando os mais bizarros horóscopos. Para isso investigam os astros sôbre a sorte do imperador Hirohito e de Chang-Kai-Chek. É certo que, às vezes acertam, mas, a nosso vêr, só por mero acaso.

O que se pretende saber nada tem com o que se passa além da estratosfera, mas cá em baixo, muito chãmente, muito ao pé dos homens que não sabem entender-se.

Pelo rumo que as coisas tomam, verificamos que o Império do Sol Nascente está movido por uma generosidade que roça pelos píncaros da abnegação.

Quando o Japão se decidiu a invadir a China, embora sem a prévia declaração de guerra, todo o Mundo supôs que a ideia dos nipões seria esmagar sem a menor contemplação a pátria de Confúcio, visto as crescentes necessidades da vida presente assim o exigirem.

Pois não é assim. O Japão pretende apenas salvar a China aconchegá-la o melhor possível, tirar-lhe todas as armas a fim de evitar qualquer imprevidência, e protegê-la como se protege uma criança traquina que, não só carece de carinhos paternais, mas da maior vigilância.

Armas? Para quê? Não está ali o visinho Dai Nippon para a defender de qualquer violência?

Se Monroe afirmou que "a América é para os americanos», o Japão julga-se no direito de dizer que "a Asia é para os asiáticos», que é como quem diz... para os japoneses.

E, ao que parece, Chang-Kai-Chek, apesar da sua resistência, vai cedendo terreno, o mais lentamente que lhe é possível. Chegou já a afirmar-se que apresentara propostas de paz.

Será verdade? Pelo menos, a revista *Kaizo*, de Tóquio, assim o declara:

"Chang-Kai-Chek encarregou no dia 2 de Dezembro o embaixador da Alemanha de transmitir ao Govêrno japonês as seguintes propostas de paz: primeiro, desmilitarização da China do Norte; segundo, contrôle dos elementos anti-nipónicos; terceiro, colaboração económica sino-nipónica.»

Entende o informador que estas condições teriam sido aceitáveis no princípio de Novembro, mas que se tornaram inaceitáveis em Dezembro, quando a criação do novo regime de Pequim já se encontrava em estado definitivo.

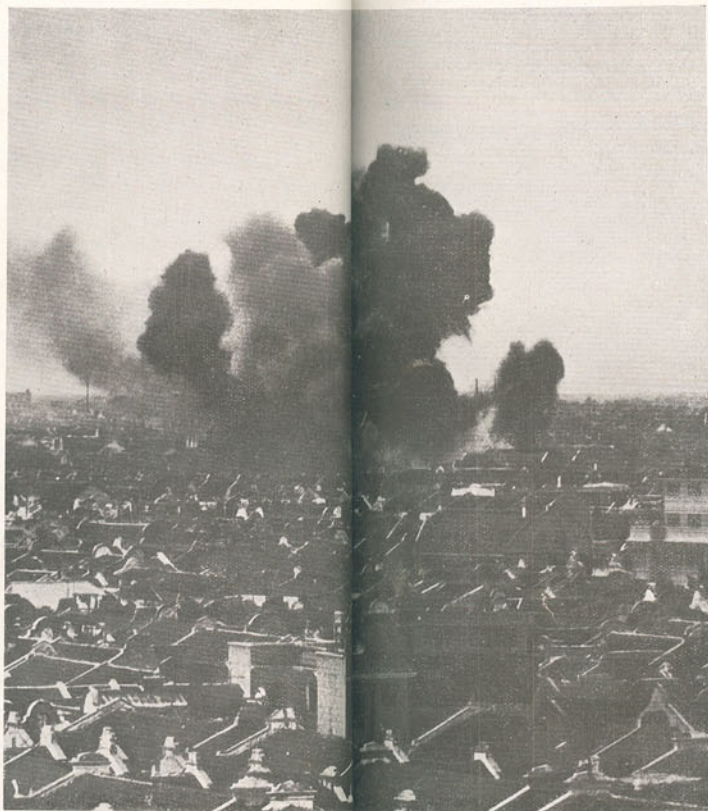
"Desde então — prossegue — pertencia aos exércitos japoneses decidir qual dos dois regimes prevaleceria na China. A continuação de negociações com Chang-Kai-Chek só é possível se êste renunciar à pretensão de representar o poder central na China.»

Pois as últimas informações de Tóquio dizem constar que, por ocasião da Conferência Imperial, o Govêrno japonês transmitiu a Chang-Kai-Chek um telegrama concedendo-lhe novo prazo para aceitar as propostas japonesas, transmitidas no fim de Dezembro. Este prazo será pràticamente o último e na falta de resposta ou rejeição definitiva serão aplicadas as medidas decidas na conferência imperial.

Julga-se que o adiamento para o dia 14 do corrente do comunicado relativo às decisões tomadas na conferência indica que o Govêrno quis dar um último prazo a Chang-Kai-Chek. O marechal chinês recebeu um aviso sôbre as graves conseqüências da sua nova recusa. Os mesmos meios dizem que depois da publicação das decisões da conferência o Govêrno porá irrevogàvelmente em execução as medidas tomadas. Os observadores são de opinião de que as decisões não comportam necessàriamente a declaração de guerra, mas podem constituir o repudio formal do Governo de Chang-Kai-Chek e o reconhecimento do Govêrno de Pequim, assim como a rotura das negociações de paz.

A dança dos dragões nos templos chineses, segundo um rito milenário

A Shapel

O horoscopo do imperador Hirohito

Se isto não nos bastasse, as declarações do *Japan Times*, pela pena do seu colaborador Toshio Shiratori, antigo repórter do *Gaimusho*, tirar-nos-iam quaisquer dúvidas. O Japão procura desempenhar um grande papel no Extremo Oriente.

"Combatemos actualmente na China — diz Shiratori — mas o nosso adversário não é aquele país. O papel do Japão consiste em salvar e proteger as raças asiáticas.

E salienta:

"Combatemos as influências que manobram na China. Devemos proteger aquele país contra as influências externas. Isto deve-se dizer para que os estrangeiros compreendam, assim como os orientais, que a finalidade japonesa visa a cooperação com a China. Este fim só será atingido quando forem extirpadas da Asia todas as influências estranhas ou quando estas compreenderem a necessidade de cooperarem com o Japão.

"Eis a missão da diplomacia nipónica, mas para isso não basta a ocupação militar de Cantão e de outros pontos.»

Seguidamente, Shiratori, manifesta a opinião pessoal acerca da liquidação do conflito com a China:

"Conviria suprimir as tropas chinesas, tarefa possível. A China ficará sem defesa, mas perto dela estará o poderoso Japão. Ficando a China sem força e o Japão poderoso, é claro que não pode haver possibilidade de um conflito entre os dois países.»

"Mas — prossegue o autor do artigo — mesmo sem pacto, o Japão protegerá a China se forças estranhas a atacarem.

Como é que as leis internacionais explicariam o facto se não existe protectorado? A' luz das ideias ocidentais não há explicação, mas o espírito tradicional do Oriente explica-o fàcilmente. O artigo termina dizendo que os sacrifícios que tal empreendimento exige do povo japonês são grandes, mas que os do povo germânico foram maiores durante a Grande Guerra.

Compreenderam?

Por sua vez, a Russia, embora manobrando na sombra, não parece muito disposta a tomar parte activa no conflito.

De resto — salienta um informador imparcial — seria difícil prever qual o resultado duma guerra. Tresentos mil soldados japoneses faziam frente a um número provàvelmente igual de soldados russos. É certo que as forças de aviação parecem equilibrar-se. Mas se, por um lado, os centros vitais do Japão estão ao alcance dos aviões soviéticos, por outro lado, o Japão possue vantagem incontestável quanto à marinha de guerra.

O considerável esfôrço naval da U. R. S. S. não produzirá imediatamente frutos e não obstante a presença na costa da Sibéria de certo número de submarinos soviéticos a frota nipónica dominará ainda por muito tempo aquela parte do Pacífico. Ora os transportes marítimos são ainda de importância primordial para o abastecimento da Rússia asiática, a qual importou em 1937 dos Estados Unidos 27 milhões de rublos de petróleo por tal via...

Um dos vistosos cartazes que os chineses afixaram exaltando Chang-Cai-Chek

# OS DOIS CARDIAIS PORTUGUESES EM ROMA

## A miragem do Museu de Arte Comparada

*A Justiça — estátua do túmulo do Cardial Martins de Chaves*

UMA parte importante dos segredos da História da Arte Portuguesa está aferrolhada nos arquivos de Itália. Já uma ou outra tentativa de revelação se tem ensaiado, graças à simpática iniciativa de amigos nossos, mas por falta de estímulo têm quedado como casos particulares, sem continuação e sem um sentido disciplinar como convém, e só o Estado pode fazer, de bom acordo com os directores dos tombos italianos. Desde Veneza a Nápoles que também aparecem á vista dos curiosos, uma ou outra lembrança plástica com as cinco quinas, afirmando as boas relações luso-italianas das eras passadas. Em Génova, Pádua, Bolonha, Siena, Florença e, sobretudo, em Roma, essas lembranças falam de navegadores, de santos, de sábios, de gente real, de artistas e de clérigos portugueses. Nas pedras santas aparecem signos vários referentes a Portugal, como os brasões no eixo da abóbada da Capela dos Espanhois, em Santa Maria Novella, ou o o padrão á entrada da formosa cidade de Siena; nos quadros dos museus e dos altares, nas imagens, nos sepulcros e nos livros iluminados; nas quintas mais belas dos mais belos lugares, como a de Palazzola, que miseràvelmente foi traficada com estrangeiros e cuja perda acuso de criminosa pelo desfalque do nosso património nacional, assim como nos mosteiros e hospícios, ainda essas marcas nos enchem o coração de orgulho. No sul da península, misturados com os documentos espanhois que lá resistem ás dezenas e dezenas, outras lembranças nossas se descobrem. Inumerá-las será obra dum cadastro a fazer e que já vai tardando. E' mais que tempo de enviarmos àquelas carinhosas terras, missões de investigadores e de artistas, para que, com amor e com autorizada paciencia, coscuvilhem, copiem e recolham em seus cadernos, tão preciosos documentos, quer plásticos, quer literários, religiosos ou históricos e depois de regressarem com essa até agora ignorada fortuna, ajudarem a meter na ordem e a explicar os mistérios, das páginas em branco da nossa História da Arte.

Ai de nós, que como Pêro Sem, já tivemos e agora não temos! Quási todos os países do Mundo lá sustentam uma academia ou um círculo de investigações culturais, com as suas bibliotécas próprias e os seus arquivos. Entre os inúmeros institutos estrangeiros, em Roma, também o *Portoghese*, em Santo António, tem a sua pequena, mas excelente fortuna á espera de quem a aproveite no sentido de que acima falo. Por aqui passaram muitos dos nossos mais celebrados artistas, e até um dêles, por ventura o maior, lá escolheu jazida para os seus ossos: — Domingos António de Sequeira. Porém, nenhum outro povo ali enviou um tão notável diplomata para alcançar milagres, do que nós, com o nosso Santo António de Lisboa, que é o Santo António de Pádua, dêles. Êste Santo em Itália, tem um dos maiores cultos da Igreja e populares, não havendo capela ou basílica, altar de mosteiro ou de catedral que não se orgulhe de venerar a sua imagem em lugares de honra, com mil devotos em cada aldeia e cardumes de flores e de lumes a seus pés. Com que alegria nós, ao penetrarmos nesses templos, nos julgamos recebidos em casa amiga pelas festas e honras com que vêmos acarinhado o — dêles e nosso — sábio e santo franciscano! A sua iconografia é vastíssima, em terras italianas.

Um dia, Ouido Battelli pensou reüni-la em volume, mas por certo, desanimou ao ver a impossibilidade em a realizar, tantas e tantas são as imagens e obras de arte com êle relacionadas, que só o culto do Poverello de Assis ultrapassou.

Mas em Itália outros embaixadores portugueses se glorificaram, ainda que sem feitos para serem santificados. No interior dos templos várias relíquias de arte os recordam, se não pelas suas virtudes políticas, ao menos pelas religiosas ou de amizade. De entre êles há que fixar nestas páginas as joias tumulares onde os seus corpos esperam o Dia do Julgamento Final. Deixemos para mais oportuna ocasião o sepulcro do jóvem Cardial D. Jaime, por ser o mais faustoso, o mais belo, o mais completo, uma autêntica obra-prima da arte italiana do Renascimento, que em S. Miniato, á beira de Florença, sugere aos viandantes daqueles benditos sítios, uma evocação da nossa terra.

Por agora contentamo-nos com a reprodução dos dois mausoleus de Roma, onde dois cardeais com as suas jacentes mitradas, dormem de mãos cruzadas, sob a protecção da Virgem e em palanquins magníficos: — D. Jorge da Costa e D. António Martins de Chaves. Ninguém ignora as suas vidas, desde o palpite do primeiro que, ao ver D. João II atirar um seixo ás águas, tratou de se safar para Roma, até aos benefícios do segundo na reintegração do hospício de Santo António, "na via dei Portoghesi», que por signal com o rompimento da grande avenida do Vaticano, vai aparecer numa das melhores situações da cidade Eterna. Portanto, nenhum segredo temos no saco para acrescentar ao que toda a gente sabe muito bem. Contar do contentamento que ao nosso espírito êsses monumentos oferecem ao descobrirmo-los na sombra das suas igrejas, por tão natural ou ingénua razão, são escusadas as palavras.

Qual dêles o mais afortunado na morte, tiveram a ventura de duas das mais faustosas igrejas romanas, que são dois museus ao mesmo tempo.

*Estátua jacente do Cardial D. António Martins de Chaves, por Filarete e Isaias de Pisa*

*Sepulcro do Cardial Alpedrinha, D. Jorge da Costa, por Andrea Bregno*

O Cardial Alpedrinha, com altar particular de capela, onde se erguem as imagens de *S. Vicente, Santa Catarina* e *Santo António*, dentro de nichos encimados por medalhões lindos, com uma *Anunciação* e o *Padre Eterno* lá no cocoruto do retábulo de mármore, foi o mais feliz com o artista que o glorificou, Andrea Bregno, segundo se crê. A própria igreja de Santa Maria del Pópolo, recolhida a um canto de praça do mesmo nome, junto da porta que dá para os jardins da Villa Borghese, inspira uma grande ternura quási franciscana, pela humildade com que se afasta das duas mais imponentes, coroadas com a tiara dos seus zimbórios, na embocadura do Côrso.

*A Fortaleza — estátua do túmulo do Cardial Martins de Chaves*

Esta formosa praça é das mais belas e características de Roma. E' a pista mais antiga donde partem as ousadias urbanísticas das perpétuas maratonas. Romântica de aspecto, com *tratorias* de artistas e botequins de boémios, com negócios de brique-á-braque e com o obelisco no eixo, dá duma banda para o Píncio e da outra para os bairros transteverianos, marcando como uma estrela cheia de ráios audazes, as avenidas novas e as ruas antiqüíssimas que dali seguem, com verduras, estátuas e portadas nobres a monumentalizarem a sua situação.

O Cardial Alpedrinha soube escolher o buraco para a sua campa. Foi sempre um manhoso político que cuidou do decorativismo da sua existência e... do seu sepulcro. O outro, o Cardial Martins de Chaves, mais rude e menos brilhante nas habilidades, alcançou, ainda assim, a sorte duma parede lateral de S. João de Latrão, onde Filarete e Isaias de Pisa lavraram a sua estátua sôbre uma urna de vistoso epitáfio, ladeada por quatro figuras simbólicas, das quais se destacam as da *Justiça* e da *Fortalesa*, em ingénuas formas e composições, como dois guerreiros de parada ou baile reiseiro. Ingénuas são igualmente as imagens da *Fé* e da *Caridade*, talhadas em pedra com dificientes recortes, que servem de guarda de honra á *Virgem*, de mãos erguidas e resplendor aos gomos. Se a estatuária dêste túmulo é mais fraca que a daquele, ganhou nas honras da basílica que o acolheu, que é dos primeiros de Roma, quási uma sucursal do Vaticano, com o seu esplêndido tesouro em museu e com grande riqueza de altares de naves recheadas de obras de Arte.

Pena é que êstes e outros mausoleus, não estejam reproduzidos no *Museu de Arte Comparada*, cuja organização já por duas vezes foi decretada em Portugal, mas do qual infelizmente até hoje, pouco mais existe além das linhas do *Diário dos govêrnos*.

DIOGO DE MACEDO
Escultor

# NOTÍCIAS DA QUINZENA

O sr. dr. Araujo Jorge, embaixador do Brasil respondendo à saüdação do ministro das Relações Exteriores, do Brasil, por ocasião da inauguração das comunicações telefónicas directas entre Lisboa e o Rio de Janeiro

Festa no Albergue da Mitra para distribuïção de brindes a 170 crianças de ambos os sexos ali recolhidos. A esposa do sr. presidente da República dignou-se assistir a êste simpático festival, tendo, por suas mãos, distribuído brinquedos aos pequeninos que consideraram aquele dia um dos mais felizes da sua vida. Recolhidos por caridade que o futuro lhes traga venturas que lhes compensem, no limite do possível, a sua orfandade

A solene procissão em Almada por ocasião da inauguração do Seminário. O sr. Cardial Patriarca benzendo o edifício. O acontecimento despertou atenção pela presença dos altos dignatários da Igreja, pela pompa das cerimónias litúrgicas e pelo interêsse manifestado por muitas individualidades em destaque no meio católico. Por fim, o sr. Cardial Patriarca lançou a benção eucarística sôbre a cidade de Lisboa

Um aspecto da festa infantil na Escola dos Filhos dos Operários das Companhias Reünidas Gás e Electricidade. A gravura mostra um pormenor do jantar oferecido. — *A' direita:* O sr. Cardial Patriarca lendo a «Mensagem de Natal aos homens de boa vontade» que terminou por estas palavras: «Proteja Deus os que entre nós estão constituídos em autoridade, para que exerçam o poder com justiça e os subditos lhes obedeçam com alegria!»

A Praça D. Pedro nas últimas festas da cidade

## A Luminotécnia entre nós

Sendo os olhos os mais delicados orgãos do corpo humano e, conseqüêntemente, o sentido da visão uma das suas faculdades que requerem maiores cuidados, justificam-se inteiramente todos os esforços conducentes á sua defesa. Com o objectivo de aperfeiçoar os vários sistemas de iluminação, têm-se feito ùltimamente sensiveis progressos baseados em repetidas e concludentes experiências, de caracter científico, cujos resultados são de molde a inspirar a mais justificada confiança.

Êste problema de indiscutivel importância para nós, começou agora a interessar-nos com a recente criação da Comissão Luminotécnica Portuguesa, constituida por distintos engenheiros especialisados no estrangeiro nesta matéria e representantes de várias entidades directa ou indirectamente interessadas nos assuntos que se prendem com a iluminação.

No acto da sua instalação disse o engenheiro, sr. João de Kortk, que presidiu, não visar esta nova instituição quaisquer intuitos lucrativos, mas expressamente o objectivo determinado de procurar melhor o *standard* da vida portuguesa, sob o ponto de vista social, obtendo-se por meio de uma sistemática educação do grande público uma melhor compreensão de vários problemas da luminotécnica.

De facto a decisiva influência de uma perfeita iluminação sôbre as faculdades visuais está plenamente demonstrada não só pelas observações de nós próprios, como também pelas concludentes experiências conduzidas e orientadas cientìficamente. Constata-se que ela favorece a acuidade visual, isto é a faculdade de distinguir mais ou menos nitidamente os detalhes dos vários objectos, a rapidez de discernimento, como quem diz a rapidês com que os nossos olhos fixam esses detalhes, a rapida acomodação representada pela faculdade que os olhos possuem, de adaptação á percepção nítida de objectos situados a diferentes distâncias e ainda a continuidade da visão, que permite distinguir claramente, sem fadiga e de forma contínua, os detalhes de qualquer objecto.

Também ao comerciante interessa, e bastante, uma boa iluminação que lhe permita apresentar, não só nas suas montras destinadas a prender a atenção dos transeuntes, como no interior do seu estabelecimento, valorisando-os sensivelmente, os vários artigos do seu comércio. Uma vitrine, bem iluminada, atrai a clientela que uma vez lá dentro, se o interior se encontrar também devidamente iluminado, acabará por adquirir os objectos que dispertaram a sua atenção, tornando-se assim a luz o mais poderoso elemento de propaganda de qualquer estabelecimento comercial.

Não são menos importantes as vantagens para os industriais que iluminaram racionalmente as suas fábricas, conseguindo assim, como o comprovam concludentes experiências feitas, aumentar a sua produção entre 10 % e 15 %, um trabalho mais preciso e mais cuidado, diminuição nos acidentes, redução nos desperdicios, melhores condições para os operários, portanto maior satisfação dêstes, e ainda mais fácil fiscalisação.

É portanto a luz o mais importante factor de tôdas as actividades humanas, o seu mais forte propulsionador, justificando-se os esforços que se teem feito no sentido do aperfeiçoamento dos sistêmas de iluminação, trabalhos êstes que constítuem hoje uma verdadeira ciência, a Luminotécnia, que possui já bons e dedicados adeptos espalhados por êsse mundo fóra.

É, pois legítimo esperar o mais assinalado êxito da iniciativa, digna de todos os elogios, da Comissão Luminotécnica Portuguesa que veio abrir novos e rasgados horizontes ao problema da nossa iluminação.

## A Taça de Honra das montras iluminadas

A nossa capital que justamente pode já considerar-se um grande centro cosmopolita, deve orgulhar-se do seu comércio que se apresentou no recente concurso das montras iluminadas de forma a exceder as mais optimistas previsões e que constituiu simpático pretexto para os nossos lojistas apresentarem em artística disposição que os mais modernos processos de iluminação tanto valorisam, os variados artigos do seu comércio, contribuindo assim, com o melhor exito, para a interessante iniciativa dos organismos económicos da cidade, secundados pela Comissão Luminotécnica Portuguesa e que de todos mereceu os mais justos encómios.

As montras de «Pratas de Arte»

A mais alta classificação neste interessante certame, a Taça de Honra oferecida pelas Companhias Reunidas Gaz e Electricidade, destinada ao estabelecimento que tivesse apresentado o mais agradável conjunto de iluminação tanto de montras, como no interior, e simultâneamente a mais perfeita sob o ponto de vista técnico, coube à firma «Pratas d'Arte», de A. L. de Sousa, L.da, da rua da Misericórdia, antiga rua do Mundo, 16-18, que apresentou, tanto nas suas vitrines, como no interior, uma valiosa colecção de artigos da sua especialidade, merecendo assim essa classificação e dignificando uma vez mais esta indústria portuguesa de tão hònrosas tradições tanto entre nós como no estrangeiro.

As suas montras que muito justamente mereceram esta alta distinção constituiam, como sempre, um interessante repositório de variadissimas obras de requintada arte e inexcedivel bom gosto que foram sempre timbre especial desta casa e que lhe valeram a posição de destaque que hoje justamente usufrue.

## A escolha de uma lâmpada

Qualquer que seja a iluminação que se pretenda, qualquer o fim a que se destine, para um lar doméstico, como para um estabelecimento comercial ou industrial, o primeiro cuidado a recomendar é, sem dúvida, uma acertada escolha da lâmpada a utilizar.

São muitas as marcas espalhadas entre nós, algumas delas com especiais características a recomendá-las, mas estava reservada para êste ano, de 1938, a última palavra neste assunto com o aparecimento da mais re-

Uma boa iluminação valorisa qualquer estabelecimento

cente novidade, os últimos modêlos da Tungsram, Krypton, que muito justamente alcançaram o mais lisongeiro êxito.

Proporcionando uma luz incomparável, de uma suavidade extrema, de uma claridade de jaspe imexcedivel, estas lampadas dão a cada lar um ambiente moderno, com os seus elegantes formatos e o maior poder iluminante, acrescendo a apreciável vantagem de uma economia no consumo que atinge 40 %, quantidade já bem sensível no orçamento doméstico.

Obedecendo assim a todos os requisitos a uma boa e racional iluminação não é para extranhar que a Tungsram tenha alcançado nos nossos mercados um triunfo tão pouco vulgar.

São seus representantes, no Pôrto, Sá, Passos & Garcia, L.da, rua Alexandre Braga, 24, e em Lisboa, A. M. Guimarães, da rua da Madalena, 66-1.°

*A entrada de Tondela*

ATRAVÉS de uma garganta da montanha abre-se, em sucessivos planos, um panorama fundo. Seidão, Coelhoso, Molelos, Tondela vão marcando distância.

Depois embrenhamo-nos numa sombria mata de carvalhos.

Descemos. Pedras a cutelo abrigam, em nichos cavados a cinzel, tôscos paineis votivos.

— Por que tantas alminhas? pregunto.

— É que vamos no caminho dos defuntos...

Atravessámos um regato. Cantarinhas e cravelas estrelam as bordas do carreiro.

Chegamos ao Cadraço.

São casas de habitação simples quadriláteros de pedra solta, em geral só com duas aberturas — a maior a porta, a menor a janela — cobertos de côlmo de palha centeia, com lousado nas beiras.

O que há de famoso no Cadraço é a água. De um penhasco de granito correm duas bicas naturais, a par, que são, no entanto, de diversas nascentes. De uma e outra provámos... até fartar!

E fuma-se uma cigarrada...

Ronda-nos, de má catadura, uma velhota. Interroga:

— São dos senhores doentes de Paredes?

Respondemos que não, e que vamos de passagem.

Logo o rosto se lhe desanuvia, dissipado o receio de que à sua fonte trouxéssemos malina...

Ao lado, à sombra, está deitada, numa cesta, uma menina de meses. Brinca com os dedinhos, mete-os com cuidado na bôca, tira-os lentamente, e fica a olha-los, mira-os, remira-os; por fim cruza as mãosinhas sôbre o peito. E inefavelmente sorri. O anjinho!

Do monte, perto, avista-se Paredes. No horizonte, longínquo, perdem-se os povoados.

Adeante, aos Lameirinhos, um caramuleiro de gabão e uma caramuleira de capucha — que a tarde refresca — namoram, apascentando vacas e bezerrinhos.

E, no falario, êle finca-se no cajado nas passagens oratórias mais graves, de convicção, e ela sacode o corpo, dengosa, nas réplicas vibrantes, troçando da paixão do seu derriço.

Irreverentes, os garotos do gado gritam-lhes, das encostas, epigramas...

No caminho saltamos regos e regos de água. Depois, a atalhar, cortamos pelos restolhos das cavadas.

Para norte, penedos de 20 a 30 metros de altura afloram dos macissos graníticos; sôbre êles a névoa corre como fumo, esgarça-se, pulverisa-se, irisada aos últimos raios do sol.

Descemos o Vale do Castelo. E a derradeira réstia de luz varre as chapadas. Além, na Estrêla, já a noite se fechou. Aperta o coração; parece que o mundo, ali, morreu...

Deixámos à esquerda o caminho de Laceiras, passado o Pedrogão.

Apressando o passo, alcançamos Porteixo. E mal distinguimos Jueus, ao fundo, mergulhado no crepúsculo. Mas sentem-se tamancos batendo no lagêdo, vozes, e um rodado de carro, chiando...

Que dormida noite!

E, ao acordar, encontramo-nos em Atenas, frente à Acrópole. Assim avulta, ao romper de alva, o Cabeço da Eira Velha, eminente, com os seus espigueiros enegrecidos e os seus casebres em ruínas...

Assomando ao janêlo, descubro tôda a pequena povoação, apinhada num vale, aconchegado por breves colinas nos ermos do Alto Caramulo.

Hóspede do professor das escolas móveis José Maria de Almeida, que me trouxe aqui em romagem à sua missão de Jueus, logo depois do almôço saímos pela estrada do Malhapão.

À direita, ao largo, ficam o Cabeço da Coladinha do Fojo, o Cabeço do Teixeiro e as Cabeçadeiras. Próximo, o Cabeço do Serpão, todo coberto de carvalhos — de vegetação espontânea. Mais além, um pinhal novo, único nesta altitude. A semente fará mais tarde sua obrigação; voando, difundir-se-à, e o pinheiro nascediço abrigará Jueus do frio

*Ponte sôbre o rio Dinha em Tondela*

VIAGENS NOSSA TERRA

# Da Estrêl ao Caramulo

## ENTRE ENCANTOS MARAVILHAS NATURAIS

norte. À esquerda, amanhadio — os Vales.

Vamos pelo Combro. Além do Mèdeiro repousamos nos lapedos da Malhada da Serpe. Belo miradoiro!

No despenhadeiro, a menos de um quilómetro, a povoação de Marruja, rodeada de leiras férteis — Capitorno, Portelagem, Vaca-Jóia, Prado, Chão da Vinha. E vai descendo o profundo valagão, assaltado das encostas por vagas de penedia...

Para os lados do Cambalhão, direito ao lugar da Portela da Estaca, ficam o Cabeço do Arinto, o Alto da Silveirinha, as Catraias; mas para o poente, a bacia do Agadão, ao qual confluem as ribeiras de Almofala, Malhapão e Mosteirinho, e ao qual são sobranceiras, além das povoações que designam estes pequenos cursos fluviais, as de Frágua, Frei-Moninho, Corte, Côvo e Sobreira, entrando pelo concelho de Águeda.

Perto, os baixos dos Malhapães, limitados pelos Cabeços da Cervela, à Portela do Seixo, e do Carvalhal Redondo.

E aqui e além, amenos valesinhos, amorosamente regados por corgas. Para a Marruja deriva o manancial de Águas-Boas.

Contemplar esta verdura, sentir o cantar das linfas puras, no calor mais opressivo dessedenta.

No descampado, a poente, aranhiçam caminhos de pé posto; caminhos carreiros levam às povoações da Tojeira, Pousadas, Mortazel e Linhar de Pala, no concelho de Mortágua.

E a sul, ao longe, tôda a calma vastidão das várzeas...

Subimos, a norte, para os Cabeços do Serpão. À entrada, os Pães da Fornada, e, a poucos passos, o Penedo da Dança da Moura. Em frente, apoia-se a Pedra da Morte nos Penedos Dormentes. Funesta ara de sacrifício!

Cimeira, fica a Penha dos Abutres, mole piramidal de ciclópicos pedregões, braviamente riçada de carvalhal, tojo e giesta.

Ladeando, entramos o pórtico de um palácio em ruínas... Que imaginário solar!

Na esplanada um admirável museu a céu aberto: cibórios, báculos, mitras, lanças, capacetes, nichos de santos, torsos de guerreiros insepultos com a couraça medieval, espáduas nuas de dríades, alucinadas atitudes de faunos — escultura animada dos séculos, que o vento e a chuva, a neve e o sol acordaram do granito impassível.

E eis Endovélico, que dentre a brenha assoma, guardador fantasmático de sombras!...

Pelo caminho carreiro passamos o Juncal. Defronte, os Cabeços dos Corvos. Na Portela, à direita o Morro da Mitra Rasgada, à esquerda o Morro do Lebrão Fugido.

Descemos às Corgas, e, entre o Morro das Cabeçadeiras e o Morro do Teixeiro, endireitamos pela Lapa do Vale e Cavadas Marianas. E pelo Fojo, ladeado da Coladinha, sob o Morro do Teixeiro encontramos o teixo patronímico, que rebenta de uma gruta, fisgando a raiz na penedia. Há quanto tempo nasceu aqui? Que longo dobar de anos! No seu tronco nodoso todos os tons verde, amarelo e escuro das hepáticas matizam o musgo branco.

Meio desfeito, está no chão um ninho de carriça. Esta avesinha cria nas loras das árvores carcomidas, urdindo fofos ninhos em musgo, tecendo o interior com sedosos pêlos de cabra e forrando-o de penugem.

O humus é negro de azeviche; tufos de pilriteiros e de giestas cobrem o terreno. Acima dêste revestimento vegetal erguem-se os carvalhos. Dominam nestes sítios ainda o arvoredo, mas criam-se mais pequenos, diz a gente serrana, porque o *ar corta*, tão frio é na invernia. Por isso, se até Laceiras cresce o carvalho alvar, neste ponto só resiste o cerquinho.

Um grande sardão verdoengo goza o sol, ao pé da sua talisca.

Nestes pedregais as cobras, as víboras, os lacraus andam à vontade.

E das aves de Portugal, quantas vôam aqui! Aves de rapina — águias caçadeiras brancas, águias pretas, o bufo, o abutre e o milhafre...

E, seguidos dos negros corvos, das corujas, dos mochos, dos pêtos, das pêgas, dos gaios e dos cucos, tantos passarinhos! — o rouxinol e o melro, mestres cantores, o pintasilgo, o tentilhão, a toutinegra, a carriça, a cotovia, a laverca, a sombria, o pardal, a milheira, a cía, o tralhão, o cartaxo, a arvéloa e a andorinha... Também a cegonha arriba a estas paragens.

A caça abunda — o coelho e a lebre, a perdiz, a codorniz, a galinhola, a rola, o pombo bravo...

A raposa gira sempre pelos matos, ágil e astuta, e, de quando em quando, o lobo marca ainda, em rastos de sangue, a sua passagem sinistra.

Ao amanhecer, José Maria com o seu varapau de marmeleiro, Rodrigues Ferreira com a sua espingarda caçadeira, e eu de guarda-sol citadino, trepamos Porteixo.

Desanuviados, os visos da Serra envolvem-se de esplendor.

A leveza do ar, o murmúrio das correntes, a doçura da luz enlevam. Sente-se a montanha no ritmo do coração; todo o nosso ser se reforça e renova da formidável pulsação telúrica. E tão grande é a exaltação das nossas energias que a imortalidade se torna, súbito, uma ideia natural.

Clareia a eternidade... Nenhuma ambição inquieta, nenhuma cobiça perturba. Somem-se máguas do passado e apreensões do futuro. E, em íntimo equilíbrio, em perfeita harmonia interior, dissipam-se tôdas as angústias, afogam-se todos os ódios, extinguem-se todos os anseios... É de limpidez divina o nosso olhar, é astral o nosso coração!

Como morrer aqui?

Vamos voando! Cavadinhas, Cabeço das Raposinhas, Cheiinhos, Morro da Águia Branca.

E descemos Pedrógão, por Pôrto Cabido, à Fonte da Lapa. A meia encosta, Laceiras pára, contemplando de suas varandas alpendradas a paisagem agreste.

No Fundão da Portela encontramos uma gruta (abrigo natural onde caberão trinta pessoas, de pé) sôbre a corga que, pela Ribeira do Minhoto e Fonte Armada, desce a Múceres. Do seu leito rebentam as Piolas. São, em duríssimo granito, duas nascentes, aflorando por singulares aberturas que se diriam perfurações de um enorme trado. Circulares, uma com diâmetro de trinta, outra de vinte e cinco centímetros, aprofundam-se, fusiformes (em fuso de lagar, diz a gente do sítio, acrescentando que dantes engulia, qualquer delas, uma corda de carro de dez braças!).

Conta-se que o Prior de Crato, andando fugido, se acoitou nesta gruta. Num dos seus umbrais, o da direita, lê-se: *1580*.

Quem lavraria esta inscrição?

A' entrada dão sombra alguns salgueiros, e o chão, onde crescem a feitona, a giesta, a dedaleira, o panasco e massarocas de raposa, é todo tapetado de nardo, trêvo e violetas brancas.

Sob a viçosa hera que engrinalda o portal da régia guarida, num colmo de orvelhastro, uma cía se balança...

Endireitamos para norte pelo Covão da Raposa, enfrentando Montes Maiores.

Avançamos, rompendo matos, tojo, carqueja, giestas, fetos... Assinalando águas — juncais.

Nas encostas, sarrasco.

O carvalho mantém aqui um porte ainda elevado, de 15 metros em média.

— Rebentemos à esquerda — comanda, de espingarda ao ombro, o Rodrigues Ferreira, emérito caçador.

Logo entramos na Esplanada. E, em menos de um quarto de hora, pelos Formigueiros, calcando sempre forraginoso

*A neve do Caramulo*

sérvum, chegamos ao Pico do Caramulo.

Blocos gigantescos de granito, aglomerados em montão, elevam, no cume da serra, uma pirâmide de duzentos metros, mais alta que a maior das pirâmides do Egipto.

Só a quinze léguas, além do Mondego, êste colosso encontra irmão.

Mas o Cântaro Magro surge de um solo convulso numa tempestade granítica, entre vagalhões de penedia — terrífico monstro subterrâneo levantando a cabeça, indómito, sôbre a voragem da Candieira, correndo o risco de despedaçar-se e ameaçando subverter...

E, bem diversamente, o Pico do Caramulo se enraíza, amoroso, ao planalto, coberto de vegetação, toucado de flores, emergindo docemente de um solo tão jucundo, que na leiva tenra, em sua volta, as searas marulham!

LOPES D'OLIVEIRA

*Um aspecto do Caramulo*

# VIDA ELEGANTE

## Festas de caridade

No «Azilo São Luís»

Constituíram sem dúvida alguma um verdadeiro acontecimento artístico e mundano as quatro récitas de caridade, que no salão de festas do Azilo São Luís, rei de França, á rua Luz Soriano se realisaram nas tardes de 5, 6, 8 e 9 do corrente mez, a favor do fundo da Associação Protectora das Escolas para Crianças Pobres de que é presidente a sr.ª condessa de Sabugosa e de Murça, e nas quais fôram representadas por um brilhante grupo de amadoras, pertencentes a famílias da nossa melhor sociedade e da colónia franceza, o drama social em três actos «La Panthére» e a comédia em dois actos «L'Accent de Marinette», em que tanto se distinguiram na primeira as sr.as D. Maria da Graça Diogo da Silva Teixeira, D. Maria Helena Diogo da Silva Teixeira, D. Sofia Mac-Brid Fernandes, D. Maria de Lima Mayer Ulrich, D. Paulette Richard, D. Maria Luísa Andrade e Sousa, D. Marie Theréze Dessaur, D. Ginnete Gonsthem, D. Aleth de Araujo, D. Maria Filomena Andrade e Sousa, e D. Josette Gaumain, e na segunda as sr.as D. Odette Reynaud, D. Sofia Mac-Brid Fernandes, D. Simone Lesac, D. Isabel Billaud Navarro, e D. Maria Emília da Câmara, que mais uma vez puseram em destaque as suas belas aptidões para a arte de «Talma», sôbre tudo no drama social, pela grande dificuldade que tiveram que vencer na sua interpretação.

Completou o programa das quatro récitas, os bailados «Femmes et Filles Revolutionaires», por Helene Croy, Maria Emília da Câmara, Maria de Lourdes Arbues Moreira, Maria Luísa Centeno, Maria Luísa Carvalhosa, Manique Wungaret, Simone Lesac e Yvonne Kestner, «Enfants de la Colonie de Vacances» por Elisabeth Goldie, Elise Gougenheim Créange, Izabel Labat, Izabel Maria Mousinho de Almeida, Janine Lestang, Josette Gaumain, Maria Adelaide Barata Temudo, Maria Izabel Pereira Coutinho, Maria Filomena Morales de los Rios de Castro, Maria Madalena Pacheco, Luís Gomes, Maria Rosa Laclau Gonçalves, Maria Tereza Casademont, Maria Tereza Souza Araujo e Maria de Assunção Barata, «Minuete» e «Danse Grecque», por Lucie De Roo, Maria Cristina Morales de los Rios Frois, Maria Izabel Carvalhosa, Maria Tereza Morales de los Rios Frois, Ana Maria Gama, Paulette Reynaud, Piedade d'Orey Coutinho e Yvonne Jamet de Oliveira, e três trechos musicais ao piano, um pela menina Maria Tereza Sousa Araujo e dois pela menina Maria Helena Paullet Alves.

Tôdas as distintas amadoras fôram freneticamente ovacionadas, de que também compartilhou a ilustre professora do Conservatório sr.ª D. Encarnacion Fernandes, que dirigiu os ensaios dos números de dansa.

A comissão organisadora das quatro encantadoras récitas deve ter ficado plenamente satisfeita, não pelo êxito artístico, como também pelo mundano e financeiro.

## Ceias do fim do ano

A entrada do ano de 1938, foi festejadissima, tanto na capital, como nos arredores, tendo as que se realisaram no Palácio Foz, Tavares, Vitória Hotel e Retiro da Severa, decorrido com extradinária animação, mas tôdas as características diferêntes, a primeira marcou pela extraordinária concorrência, a segunda pelo cunho familiar, a terceira, por ser uma reunião de artistas e a última pela alegria, isto quanto à capital e nos arredores, foi sem dúvida alguma a efectuada no Casino-Estoril, que marcou pela seleção, elegância e animação, que por vezes atingiu o delírio, vendo-se na assistência além de grande número de famílias estrangeiras que se encontram passando a estação de inverno, na Costa do Sol, grande número de membros do corpo diplomático, as seguintes senhoras da nossa melhor sociedade:

D. Maria do Carmo de Castro Pereira do Casal Ribeiro de Carvalho, senhora do dr. Almeida Eusébio e filha, D. Leonor de Almeida e Silva Marques Guedes, D. Maria José de Magalhães Coutinho Nobre Guedes, D. Maria Laura Magno Rodrigues, D. Angélica Pavão Pereira da Rosa, D. Margarida Bogalho Pinto e filha, D. Leonor de Figueiredo, D. Maria Joana Rino Frois Mousinho de Albuquerque, D. Dulce Soares de Albergaria Lopes e filha, D. Jacinta Gomes Barbosas e filhas D. Leonor Pinto de Gouveia, senhora do dr. Campos Figueira D. Berta Bastos Mendes e filha, D Tomásia Canas Ereira e filha, D. Alice Canas de Aguiar, D. Emília Aranha Gonçalves, D. Clotilde Viana, D. Alice de Sousa e Melo e filha, D. Lucinda da Conceição Pereira Graça, D. Lia Flora de Meneses Moreira e filha, senhora do dr. José Troncho de Melo, D. Isabel Maria da Costa Sousa de Macedo Gentil, D. Elvira Bentos Vicente Ribeiro, senhora de Pimentel, D. Maria Antónia Cabral Gentil de Herédia, D. Carlota Joaquina Costa e filha, D. Maria Natália Diogo da Silva dos Reis Torgal, D. Maria Antónia Pimenfel Cid Rebelo, D. Maria Fernanda Moreira da Cruz Ferreira, D. Beatriz Consiglieri Pedro de Pina, D. Maria Lina Moutinho, D. Maria Pavão, D. Maria Emília e D. Maria Eduarda Pinto, etc.

## Casamentos

Em Cascais, presidido pelo reverendo prior da freguesia, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, celebrou-se na paroquial de Nossa Senhora da Assunção, o casamento da sr.ª D. Josefina Luisa Roquete Ricciardi, gentil filha da sr.ª D. Julieta Holtreman Roquete Ricciardi e do nosso querido amigo sr. Luís Ricciardi, com o sr. Jorge O'Neill, filho da sr.ª D. Júlia de Serpa Pimentel O'Neill, já falecida, e do sr. Hugo O'Neill, tendo servido de madrinhas a mãe e a tia materna da noiva sr.ª D. Hortense Holtreman Roquete Casanovas, e de padrinhos os srs. D. Rodrigo de Serpa Pimentel e Fernando O'Neill, respectivamente tio materno e irmão do noivo.

Serviram de «damas de honor» da gentis sobrinhas do noivo, filhinhas das irmãs do noivo sr.as Marqueza de Sabugosa e D. Maria Ana O'Neill de Melo.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante vivenda dos pais da noiva, em Cascais, um finíssimo lanche, partindo os noivos, a que foram oferecidas grande número de artísticas e valiosas prendas para a sua propriedade em Setúbal, onde foram passar a lua de mel.

Na assistência á cerimónia recorda-nos ter visto as sr.as:

Marquesa de Funchal, Marquesa de Sabugosa, D. Isabel Fernandes O'Neil, D Maria Ana de Sousa Coutinho de Serpa Pimentel, D. Rita Queriol Roquete, D. Isabel de Melo de Almeida e Lencastre, D. Tersea O'Neil de Avilez, D. Ana de de Serpa Pimentel Osório, D. Maria de Serpa Pimentel Temudo, D. Maria F. G. Roquete, D. Mariana C. Roquete, D. Maria Ana de Serpa Pimentel O'Neil de Melo, D. Teresa O'Neill Avilez de Sousa Rêgo, D Eugénia O'Neill Avilez Soares Cardoso, D. Maria Joana O'Neill de Avilez, D. Maria Corrêa de Sampaio Roquete de Meddonça, D. Margaida e D. Teresa de Melo e Castro de Avilez, D. Teresa Sande e Castro, D. Maria Isabel e D. Maria Leonor Corrêa de Sampaio Roquete, etc., etc.

— Na paroquial de S. José, celebrou-se o casamento da sr.ª D. Manuela Santiago Salgado, interessante filha do nosso querido amigo e distincto engenheiro sr. Joaquim José Salgado, com o sr. Fernando Casimiro de Almeida, filho mais novo da sr.ª D. Zulmira Dourado Casimiro de Almeida e do brilhante cavaleiro tauromáquico sr. José Casimiro de Almeida, servindo de madrinhas a madrasta da noiva, sr.ª D. Izilda de Vasconcelos Salgado e a mãe do noivo e de padrinhos o distincto médico radiologista sr. dr. José Pereira Caldas e o pai da noiva, sendo o acto celebrado pelo prior da freguesia do Santo Condestável reverendo Francisco Maria da Silva, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia, durante a qual foram executados ao orgão vários trechos de música sacra, foi servido na elegante residência do pai e da madrasta da noiva, à rua Rodrigues Sampaio, um finíssimo lanche, seguindo os noivos, a quém fôram oferecidas grande número de valiosas e artísticas prendas para Vizeu, onde fôram fixar residência.

— Celebrou-se na paroquial de S. Mamede, o casamento da sr.ª D. Maria Ester Ribeiro Ribas, interessante filha da sr.ª D. Maria Angra Portugal Ribeiro Ribas e do nosso querido amigo sr. Manuel Ribas Patau, com o sr. dr. Frederico Appleton Pegado, servindo de padrinhos os pais dos noivos.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos pais da noiva, à rua Sousa Martins, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de valiosas e artísticas prendas.

— Presidido pelo prior da freguezia, reverendo António de Oliveira Reis, que no fim da missa pronunciou uma brilhante alocução, celebrou-se na paroquial de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.ª D. Rita Amália Bastos Teixeira, gentil filha do sr. João Pestana Teixeira, com o sr. Armando Teixeira de Faria Artur, filho da sr.ª D. Maria Inês Teixeira de Faria Artur e do sr. Tertuliano de Faria Artur, já falecido, servindo de madrinhas as sr.as D. Leonor de Matos pe Ornelas Gomes, e D. Maria Luiza de Faria Artur, tia do noivo e de padrinhos os srs. Fernando Ernesto de Ornelas Gomes e António de Matos de Faria Artur, tio do noivo, e distinto professor da Casa Pia de Lisboa.

Terminada a cerimónia foi servido um finíssimo lanche, seguindo os noivos, a quem foram oferecidas grande número de artísticas prendas, para o norte.

— Realizou-se na maior intimidade, o casamento da ilustre professora do Conservatório, sr.ª D. Maria Ivone Pereira dos Santos, com o sr. António Gonçalves de Aragão, funcionário do Ministério das Colónias. Foram padrinhos por parte da noiva, a sr.ª D. Laura Camara de Sousa e o ilustre professor Costa Reis, e por parte do noivo, os seus primos sr. major Joaquim José Magno e esposa, sr.ª D. Adriana de Aragão Magno. A cerimónia foi celebrada em casa dos pais da noiva, sr. Armando Joaquim Pereira dos Santos e sr.ª D. Virginia Ribeiro Pereira dos Santos.

## Nascimento

Teve o seu bom sucesso a sr.ª D. Maria de Lourdes Godinho Gorjão Henriques, esposa do sr. Luiz Gorjão Henriques.

D. Nuno.

# FIGURAS E FACTOS

O ilustre professor dr. Campos de Andrade acaba de publicar as *Relações de Pero de Alcáçova, Conde da Idanha*, interessantíssimas para o conhecimento da vida da Côrte dos reinados de D. Manuel a D. Sebastião, e, sobretudo, para o melhor conhecimento da diplomacia portuguesa no reinado de D. João III. O dr. Campos de Andrade, revendo e anotando esta obra, mostrou, mais uma vez, a sua altíssima competência

*A Higiene na Escola Primária* é mais um notável trabalho do dr. José Crespo que teve a honra de ser louvado pelo Ministério da Educação Nacional. Na primeira parte trata da higiene da habitação escolar, e na segunda da higiene do aluno na sua formação física, intelectual e moral. Desde há muito que o dr. José Crespo se evidenciou por trabalhos de alto interêsse como o *Aspecto Sanitário da Emigração no Minho* e as *Questões Médico-Pedagógicas*, e outros. Pelo autor se avalia o fôlego da obra

O dr. Manuel Anselmo publicou um novo trabalho *O Mutualismo como doutrina social* que nos educa e catequiza. Neste esbôço filosófico, o ilustre escritor, não só nos instrue como nos empolga com a sua prosa harmónica, suave, cheia de belas imagens. O psicólogo está à altura do escritor. Assim, as regras filosóficas são aceitáveis porque, ao contrário dos remédios, sabem bem e não fazem mal. O dr. Manuel Anselmo mostra mais uma vez o seu brilhante talento

Aspecto de uma das salas do Casino do Estoril no «reveillon» do Fim de Ano, e que esteve animadíssimo como se verifica pela gravura acima. Hoje, como ontem, por melhor que o ano tenha sido, a sua morte é sempre festejada com a maior alegria para se dar entrada ao sucessor

Distribuïção de brinquedos às crianças na Noite de Natal, no Casino do Estoril. Junto da tradicional chaminé, o velho Natal vai contemplando com graciosos bonitos a petizada, tornando realidade aquilo que algumas vezes soletraram nos livros de contos de fadas. Uma festa maravilhosa

O sr. major Cabaço, 2.º comandante de Caçadores 5 homenageado pelos sargentos desta unidade. O homenageado exortou os sargentos a cumprir os seus deveres para prestígio dos seus superiores e glória do Exército Português. A' festa associaram-se o comandante e oficiais do batalhão que assim quizeram demonstrar a sua estima pelo sr. major Cabaço

A VISITA D FÜHRER A ROMA

# HITLER E MUSSOLINI

## Dois grandes vultos qu novamente se enfrentam

*Hitler apresentando Mussolini ao general von Blomberg*

APÓS a visita de Mussolini a Berlim, Hitler visitará Roma, estreitando-se assim a cordealidade entre a Itália e a Alemanha. Os jornais alemães, publicando o programa provisório desta visita, dão-lhe o relêvo dum grande acontecimento. E' certo que os meios oficiais afirmam tratar-se apenas duma amizade sã entre dois Estados empenhados numa finalidade comum no interêsse da Europa, embora se diga que, por trás de tudo isso, existe uma aliança com tendências belicosas.

*Hitler quando soldado da Grande Guerra com um seu camarada*

Mas o *Nach-Ausgabe*, saltando fóra da sua discreção habitual, diz que no momento em que Genebra se arma de novo contra o eixo Berlim-Roma, Paris e Londres deveriam ver que é insensato querer opôr-se a êste movimento. Ao passo que a Itália e Alemanha querem — acrescenta — construir o seu futuro sôbre uma real amizade, outras potências, ligadas por alianças, firmadas após a guerra, tiveram por fim apenas garantir a conservação do *diktat* de Versalhes. A luta comum de Hitler e Mussolini é contra Versalhes e tende a estabelecer na Europa um estado de coisas melhor que o *diktat*. E' grato registar que dois povos e dois homens de Estado tenham aparecido numa Europa dilacerada para salvar o continente.

Como o tempo faz mudar a face das coisas!

Quando há vinte e tantos anos a Grande Guerra devastava o Mundo, o exército italiano tinha no seu seio um soldado humilde, obscuro, cuja maior ambição consistia em manter intactas e flamantes as penas de galo do seu barrete de *bersaglieri*. Quem teria reparado nêsse rapaz anónimo que, um dia, havia de impôr-se ao Universo? Quem descobriria nêsse Benito Mussolini o futuro Duce que faria desmoronar a obra carunchosa dos Nitti e dos Giolitti?

Do lado de lá, no exército alemão, havia outro soldado anónimo que cumpria o seu dever, adentro da rígida disciplina prussiana. Era Adolfo Hitler, o futuro chefe supremo do Exército e Marinha da Alemanha, o chanceler do Reich, o Führer de todas as Germânias.

Nesse tempo, ainda ecoava a voz do Kaiser fulminando o gesto da sua aliada Itália que, não só se recusou a auxiliá-lo, mas ainda se juntou aos seus inimigos.

"A Alemanha nunca esquecerá!„ — bradou Guilherme II.

Já lá vão vinte e tantos anos...

Nada como o tempo para fazer mudar a face das coisas. Pelo visto, a Alemanha esqueceu. Isto não quere dizer — é claro — que, um dia, não volte a recordar-se.

Do Tratado de Versalhes já pouco resta, mas êsse pouco ainda é de mais. Por isso, a Alemanha insiste em considerar o Tratado um *diktat*, isto é, uma coisa imposta pela força. E' certo que, após uma guerra, o vencido é sempre coagido a assinar a paz, consoante lhe é ditada pelo vencedor. O chanceler Bismark assim fez quando impôs as suas condições em Paris, após a guerra de 70.

Enfim... os tempos são outros, e daí as diferentes interpretações.

Agora a Itália lança o programa das suas novas construções navais, salientando que não há motivo para os alarmes suscitados no estrangeiro, visto que apenas tem por fim organizar um mínimo para a defesa contra qualquer veleidade de cêrco, como o que se esboçou por ocasião do conflito italo-etíope.

A imprensa italiana diz não haver motivo para deitar as culpas à Itália pelo rearmamento das grandes potências e cita que a Itália desde 1923, tem mostrado grande prudência em matéria de armamentos navais. "Em 1941-42 teremos — termina — 4 cruzadores de linha, mas isso, corresponde ao nosso dever e a exigências superiores que ninguem pode contestar-nos.

Por sua vez, a Inglaterra conta ter em 1942 tonelagem igual, senão superior, á que a Itália a Alemanha e o Japão possam reünir em conjunto.

E a França?

Em face duma tal corrida aos armamentos, não ficará inactiva. Mas se estivesse adormecida, como algumas vezes tem acontecido, bastaria a sua imprensa para a despertar.

Vem a propósito fazer algumas transcrições:

"A França — diz *L'Epoque* — deverá encarar com tôda a urgência a construção rápida de novas unidades de linha da mesma tonelagem das que a Itália vai empreender. Eis, em todo o caso que se encontra animado duma aceleração suplementar do ritmo da corrida aos armamentos navais, em que estão empenhadas, com ou sem vontade, as grandes potências, umas com pressa suspeita e outras com a justa preocupação de garantir paralelamente a sua segurança„.

*Mussolini, soldado anónimo da Grande Guerra*

O "Petit Journal„ diz: "O equilíbrio de fôrças ameaça romper-se no Mediterrâneo. A Inglaterra não deixará sem resposta o gesto italiano e já anuncia a construção de couraçados de 46.000 toneladas. Quanto à França ela deve defender nessa região do Mundo interêsses infinitamente mais importantes que os da Itália„.

O "Excelcior„ escreve: "Reconhece-se hoje em Londres que a dispersão dos pontos ameaçados do Império britânico já não permite às frotas de Inglaterra serem por tôda a parte as mais fortes ao mesmo tempo. As novas condições da situação internacional ditam à França e à Inglaterra o dever de igual esfôrço terrestre, naval e aéreo para salvaguardar a paz„.

O "Jour„ pregunta: Como é que a Itália poderá financiar o seu novo esfôrço de "recursos excepcionais„? Só há uma maneira na Itália! é o imposto sôbre as fortunas adquiridas. Mussolini não recuará perante o novo empobrecimento das classes sociais, que são, a-pesar-de tudo, o próprio quadro do Estado fascista? Desde que a Itália se lance na corrida aos armamentos será inelutávelmente batida pela Inglaterra. Mussolini passou sempre por ser um espírito realista. Pode, pois, formular-se outra hipótese: quis talvez avançar um peão antes de se empenhar numa nova partida diplomática, na conversação que deve ter com sir Robert Vansittart„.

Mas poderá a Itália com o formidável encargo a que se abalança?

O *Financial News*, comentando a atitude italiana, diz que "um tal refôrço pesará fortemente no orçamento italiano de 1938-39„. E salienta: "cada um dos dois couraçados custará cêrca de 1.500.000 libras esterlinas. Embora esta importância seja baixa e ùnicamente explicável pela barateza da mão de obra italiana, nem por isso deixará de ser preciso encontrar 3 milhões de libras em 18 meses. Eis o que modificará sèriamente as previsões orçamentais publicadas em Roma há um mês„.

No próprio Japão surge a dúvida de que o programa naval possa ser realizado com a citada rapidez. Segundo as declarações duma personalidade da Marinha nipónica, um tal plano deve encontrar dificuldades económicas.

A imprensa japonesa, sem comentários, observa que, após a construção das projectadas unidades navais, a Itália dominará as frotas francesa e inglesa reünidas no Mediterrâneo.

Eis o que surgiu do anónimo *bersaglieri* da Grande Guerra, êsse obscuro Benito Mussolini, cuja maior ambição parecia ser a manutenção das penas de galo que se erguiam flamantes no seu barrete de soldado.

Ante uma decisão sua, actualmente, todo o Mundo se alarma.

Do soldado alemão que obscuramente combateu na Grande Guerra, apareceu o Führer que, após o trabalho insano de restaurar a sua Pátria, se sente com fôrça para enfrentar o Vaticano, depois de esmagar os judeus.

Assim surgiram êstes dois grandes vultos que vão defrontar-se, mais uma vez, como amigos, na veneranda cidade de Roma.

Do seu esfôrço pode o Mundo esperar grandes realizações em prol da civilização que tanto convém a felecidade dos povos, desde que êstes sigam a senda indicada pelos seus orientadores.

*As fôrças alemãs desfilando em frente de Hitler e Mussolini quando da visita dêste a Berlim*

*A chegada de Mussolini a Berlim*

SECÇÃO CHARADÍSTICA

# Desporto mental

**Sob a direcção de ORDISI**

NÚMERO 6

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Jaime Seguier (ilustrado); Povo; Cândido de Figueiredo, 2 vol.; Simões da Fonseca (pequeno); H. Brunswick (língua e antiga linguagem); Francisco de Almeida e H. Brunswick (Pastor); J. S. Bandeira; Fonseca & Roquette (Sinónimos e língua); F. Torrinha; A. Coimbra; Moreno; Ligorne; Mitologia de J. S. Bandeira; Dic. de Mitologia de Chompré; Rifoneiro de Pedro Chaves; Adágios de António Delicado; Dic. de Máximas e Adágios de Rebelo Hespanha; Lusíadas.

PRÉMIOS

Recebemos mais o seguinte prémio destinado ao nosso torneio: *Breviário do Charadista*, por *Sílvio Alves*; oferta de Mirones a quem reconhecidamente agradecemos.

OBSERVAÇÃO

Recomendamos aos nossos prezados confrades, a bem do charadismo, o envio de trabalhos cujas soluções se tornem fáceis aos principiantes, a-fim-de não os afugentar. Não é a dureza que embeleza uma produção e que lhe imprime realce; pelo contrário, às vezes, concorre para diminuïção do seu mérito.

## TRABALHOS EM VERSO

LOGOGRIFOS

1) Livrei-te da *miséria* e da desgraça, — 4-2-7-8.
Ingrata Circe, ingénuo acanhamento,
Por supor só *virtude* e sentimento — 3-5-7-8.
Na tua meiga e lacrimosa graça.

Que *simples* fui!... Que venenosa taça — 7-8-6-2.
Me cedeste a provar com fingimento!
Foi *dissoluto* o teu procedimento — 7-8-1-5.
Baixando à podridão, alma devassa.

Não me importa, porém, que, neste mundo,
O manto da *ilusão* te seja grato — 8-6-6-2.
Cingindo-te num sonho assaz profundo...

Não me importa... no entanto, com recato,
Desejaria ver-te inda, *segundo*
As normas dum poder mais justo e lato!

Lisboa *Fero (L. A. C.)*

NOVÍSSIMAS

*(Aos confrades que mourejam e aos que mourejaram nas nossas Colónias)*

«...De Locarno já o embaixador, conde de Saint-Aulaire, notava que a política dos aliados (com mais exactidão a Gran-Bretanha e a França) tem sido orientada no sentido de dar aos vencidos de ontem os meios de se tornarem os vencedores de amanhã».

J. DANTAS.

*Comércio do Pôrto* — 12-12-1937.

2) O Reich, que é p'ra * *todos* * um «papão», — 2.
Quere as colónias que perdeu na guerra...
Mas estão elas em tão forte mão,
(França, Japão, Transwal — ou Inglaterra —

Que não é fácil que o aguerrido povo
Seu afro império reaver consiga.
Pensam em dar-lhe um outro império novo...
« — Que não quere as dos outros»... É *cantiga*: — 2.

P'ra êle o essencial é ter colónias.
Tiram, p'ra dar-lhas, a quem as tiver?
Se assim o querem... Não faz cerimónias...
Que recaia o odioso em quem lhas der.

Podem chamar-lhe uma extorção brutal?
Surge uma ideia! — às pessoas práticas!... —
Formem-se Companhias Magestáticas:
Menos alarme e resultado igual...

.................................................

Aceita o que lhe derem as potências;
Mas sempre insatisfeito — esfomeados! —
Fará novos pedidos, exigências,
Fazendo finca-pé nos seus soldados.

Povo na indústria e no saber fecundo,
Tendo na África o seu maior mercado,
Perdeu-o querendo avassalar o mundo...
A inveja! O imperialismo *ilimitado*!

Lisboa *Sileno*

*(Lembras-te, Nani?...)*

3) Foi num dia de Verão,
Com sol duro, abrasador,
Que entreguei meu coração
A's rudes setas do amor.

Momento *único* e sublime — 1.
Em que a vi a vez primeira!
Perdi a fala e senti-me
Prêso de louca maneira...

Sôbre a praia o sol ardente
Torna os corpos delicados,
De brancura transparente,
Café com leite — torrados...

Pois foi num momento assim
Que o amor me acometeu...
Eu olhei — olhou p'ra mim,
E uma tarde aconteceu

Que a minha amada banhista
Se rendeu sem condições...
Sem *esfôrço* de conquista, — 2.
Unimos os corações

Num *simples* e puro amor,
De todos o mais sincero,
Numa tarde de calor
— Com cem graus além de zero...

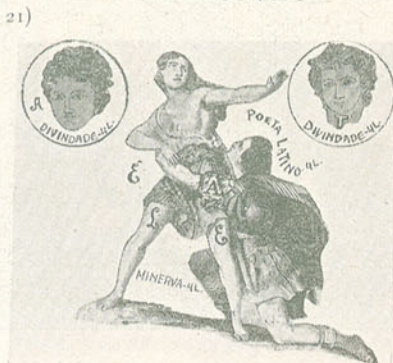
Lisboa *Filho d'Algo.*

4) Sei muito bem quem *estima* — 2.
Uma *mulher* muito airosa, — 2.
Elegante e bem bonita,
Que lembra logo uma rosa.

Conheço onde ela reside:
Numa linda moradia
Duma *terra portuguesa.*
Onde eu muitas vezes ia.

Lisboa-Belém *Princesa Tshai*

*(Agradecendo uma charada)*

5) És pequena charadista,
Dizes tu, mas sem razão;
*Atreve-te* e faz charadas — 2
Nas horas de diversão.

No pouco *espaço de tempo*, — 2.
Em que tu fazes charadas,
Mostras ter bastante *audácia*
Em charadas combinadas.

Lisboa-Belém *Secofe*

ENIGMA FIGURADO

21)

ENIGMAS

I

6) Antes duma «*mulher*»
Coloquem, com ardor,
Cem, se quizerem ver
Uma cândida «flor».

II

*(Pálida imitação ao n.º 14 do Desporto Mental n.º 73)*

7) Se a sétima for a prima
E a segunda a prima for,
Veremos uma linda *sinhá*
De rosto belo, encantador,

Luanda *Ti-Beado*

8) Se entre pessoa cruel
Um desordeiro meter,
Sopapos, trôlha a granel
E *balbúrdia* deve haver.

Lisboa *S. Irene*

## TRABALHOS EM PROSA

NOVÍSSIMAS

9) Não *ofereça* êsse anel porque, só por êle, eu sei que se *ordena* um *combate*. 1-2.

Lisboa *Ramon Lácrimas*

10) Nem tôda a *rapariga admite* ser tratada com *leviandade*. 3-1.

Lisboa *Jofralo (T. E.)*

11) *É avarento* e «*importuno*» o *homem muito magro e alto*. 3-2.

Benfica *R. Maia (L. A. C.)*

12) Encontrei na *praia* a *feiticeira oculta*. 2-2.

Lisboa *Mirna*

13) O *homem sem energia* só *produz marmelada de banana*. 3-1.

Luanda *Ti-Beado*

14) *Olha: naquele lugar*, está a *sentinela*. 1-1.

Luanda *Dr. Sicascar (L. A. C.)*

15) A índole *perversa* é própria da *inteligência* de um homem *astuto*. 1-2.

*(Verificável no Dic. de Ligorne)*

Lisboa *Francisco J. Courelas*

SINCOPADAS

16) É *indolente* o «*homem*». 3-2.

Luanda *Zé da Eira*

17) Nesta *prisão* o prisioneiro *espiolha* a camisa. 3-2.

Luanda *Mrs. Le Bossat*

18) A guerra *ameaça* o mundo; para evitá-la será inútil qualquer *deligência*. 3-2.

Bemfica *R. Maia (L. A. C.)*

19) Um desafio de foot-ball, *bem organizado*, dá *movimento*. 3-2.

Luanda *Dr. Sicascar (L. A. C.)*

20) A esperança é, na *realidade*, um campo *florido*. 3-2.

Lisboa *Agasio*

Tôda correspondência respeitante a esta secção deve ser dirigida a: **Isidro António Gayo**, redacção da *Ilustração*, Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa.

# O ressurgimento da Arte em Portugal

A Arte está de luto em Portugal. Morreu José de Figueiredo, êsse homem, que dedicou tôda a sua vida, tôda a sua vibratilidade nervosa, tôda a sua inteligência e alta cultura; à Arte.

De Norte a Sul, fica marcada em Portugal a sua passagem nêste mundo. José de Figueiredo, o grande artista, aquele que sentiu como ninguém tôda a beleza da Arte Antiga, dedicou-se de alma e coração ao resurgimento da Arte, na dôce terra portuguesa.

Quem viaja em Portugal, quem percorre de automóvel essas estradas, e, encontra uma velha igreja, um antigo convento e o vê restaurado, tornado à primitiva beleza, livre de cal e areia com que o século XIX estragou no nosso país a maioria dos monumentos artísticos, póde ter a certeza que José de Figueiredo passou por ali, com o seu imenso amor à Arte, com o seu respeito pelo existente, com a sua perfeita compreensão do Belo.

E quem conhecia o seu apurado e refinadissimo gôsto, tem a certeza que êle superintendeu na reconstituição de Leça do Bailio, na organização do encantador museu Alberto Sampaio em Guimarães, na restauração da Sé do Pôrto.

No seu amor à Arte, havia um delírio de patriotismo, porque êle queria ver resurgida e triunfante a Arte Portuguesa e, nos seus modos nervosos e sacudidos havia como que um véu que escondia a sua imensa sensibilidade, perante a beleza dum quadro, uma águia perfeita, um monumento em que a pedra trabalhada se tornou em preciosa joia.

José de Figueiredo, com os seus cuidados, com a dedicação de tôda a sua vida deixou-nos ao morrer, um património artístico, que estava malbaratado e perdido por êsse país fóra entre a indiferença e a ignorância da maioria dos portugueses, que não sabiam dar o valor às preciosidades que temos, ou que não tinham a coragem e abnegação de dedicar a sua vida ao completo e perfeito resurgimento da Arte em Portugal.

Todos os portugueses que amam a Arte e que têm o orgulho da sua Pátria não souberam que tinha desaparecido o homem, que mais trabalhou por valorizar o património artístico do país, sem que uma lágrima lhes humedecesse os olhos, sem que o coração se lhes apertasse, ao pensar, que tanto êle tinha ainda a fazer a favor da Arte em Portugal.

Há muito quem tenha conhecimentos artísticos, há muito quem saiba avaliar as belezas que possuimos, quem as saiba sentir e as saiba fazer restaurar, o que não é fácil encontrar, é quem saiba aliar ao seu amor à Arte, a sua tenacidade, a sua energia e até a maneira brusca que quando se tornava necessário empregava, para acabar com uma profanação ao Belo num templo ou num museu.

Maneira brusca que não representava senão a irritabilidade de nervos sensíveis, perante a teimosia ignorante, porque José de Figueiredo no seu trato social era em tudo um «gentleman».

Uma das suas mais lindas obras é o nosso Museu de Arte Antiga, onde tudo está valorizado pela disposição perfeita e cuidada dos objectos de arte. Os quadros estão onde deviam estar, as pratas e joias estão valorizadas pela maneira como estão expostas e desde o átrio à última sala nós sentimos a homogeneidade dum gôsto seguro e perfeito.

A última vez que eu vi José de Figueiredo foi quando da exposição de Theodor Romer o pintor moderno que sentia e pintava como os grandes pintores da Renascença. Que entusiasmo o seu, com que carinho organizou a sua exposição, com que energia defendia o falecido pintor, quando o queriam acusar de simples copista. Todo êle vibrava de entusiasmo nos seus discursos de defesa!

E como todos os que tivemos a dita de ver essa exposição lhe temos a agradecer o ter nos proporcionado descansar os olhos em cousas belas, êstes olhos cansados de vêr tanta fealdade, que anda espalhada por êsse mundo.

Mas pelo que mais gratidão lhe devemos todos os portugueses, que sentem, que um país se afirma digno de viver, não só pela sua prosperidade financeira, mas também pelo seu património artístico, que é uma das suas maiores riquezas, é pelo êxito seguro e triunfal, que teve as Esposições da Arte Antiga Portuguesa em Sevilha e em Paris, no pavilhão de Jeu de Paume em 1931.

Não houve nunca nem talvez torne a haver pelo menos tão cedo, uma exposição, que desse aos estrangeiros a compreensão perfeita e nítida da grandiosidade do nosso património artístico, e, não há nem haverá também quem conhecendo-o a fundo o soubesse expor com tão apuro gôsto e profunda intenção.

Eu tive a felicidade de ir a Paris nessa ocasião e não sei dizer-lhes qual a profunda comoção, que me abalou ao ver Portugal tão magnificamente exposto aos olhos extranhos. Tudo ou quási tudo o que de mais belo possuimos e era transportável, estava exposto naquelas salas.

Mas não lhe bastou expor o que nós temos de belo era-lhe ainda preciso ir buscar a Espanha as formosas e inegualáveis tapeçarias de Pastrana, que dispostas com subido gôsto sôbre um fundo de veludo verde deram às salas em oval um relêvo de artístico aspecto que surpreendia e impressionava.

Porque José de Figueiredo tinha a suprema Arte de valorizar um quadro, uma porcelana, uma tapeçaria pela «mis-en-scène» que é indispensável nesta exposição que se tornou célebre nos anais da Arte, requintou êsse belo aspecto; da Arte valorizada.

Eu tenho visto os mais célebres museus de Itália, de Londres, de Paris, de Madrid. Tenho tido as mais belas emoções artísticas em alguns dêles, mas nunca o entusiasmo me abalou e lágrimas de alegria sairam de meus olhos como ao despertar com tôdas essas belezas, admiravelmente expostas, Bacias e Gounis, livros de Horas folheados por régias mãos e iluminados por artistas maravilhosos, quadros, a célebre custódia de Belem e tantas riquezas, que portuguesas e bem nossas, me enchiam de orgulho, por vê-las visitadas e apreciadas por estrangeiros, que extáticos admiravam; não supondo nunca que Portugal êsse pequeno país, que êles na sua ignorância da geografia confundem com a Espanha possuisse tantas e tão grandes riquezas.

O senhor D. Manuel de Bragança que no seu exílio conservou sempre o amor a Portugal e era um artista, chorou de comoção ao ver a exposição que visitou nove vezes e teve para José de Figueiredo as seguintes palavras: «Com esta exposição e a de Sevilha fez você mais do que vinte anos de diplomacia».

Homens que assim divulgam a riqueza e as belezas do nosso país que organizam exposições que nos engradecem, merecem o culto da memória, daqueles que são portugueses de lei.

José de Figueiredo ressuscitou Nuno Gonçalves, como Burger fez conhecer Vermeer de Delft.

Tudo o que se diga dum homem que levantou a Arte no seu país é pouco, mas o que «havemos de dizer de quem a tornou conhecida no estrangeiro e que soube na ocasião em que uma grandiosa exposição como a Grande Exposição Colonial Internacional que se realizou em Paris, na mesma ocasião, marcar de tão brilhante forma com a Exposição do Jeu de Paume e chamar a atenção de todos, levando a todos os países o nome de Portugal engrandecido?

E é pelas manifestações intelectuais e artísticas, que mais se levanta um país nas altas regiões do pensamento e da inteligência humana.

Se bem merecem os que conquistam com o seu sangue e à ponta da espada territórios para o seu país, não devemos também esquecer aqueles que trabalhando para valorizar e Arte pátria a levam ao conhecimento de todos, fazendo-a conhecer daqueles que quási nos desconheciam.

José de Figueiredo deixou de luto a Arte portuguesa, mas legou-lhe no seu apaixonado interesse, na isenção do seu trabalho, um exemplo, que será seguido pelos seus colaboradores e muito bons os teve, e, pelos novos que imitando-o no seu amor ao passado e à Arte Antiga só terão a locrar.

Não esqueçamos pois êsse homem que marcou em Portugal, pela elevação do seu espírito de Artista e que ocupou com a maior distinção o honroso lugar de director do museu de Arte Antiga desempenhando com a mais elevada compreensão o difícil papel de fazer compreender o alto valor do patrimódio artístico dum país.

Que todos conservem êste nome como o dum Benemérito da Pátria e compreendam bem o valor do seu trabalho, tão árduo, mas coroado pelo triunfo.

MARIA DE EÇA

*Um aspecto da Exposição*

# PÁGINAS FEMININAS

É interessante ver como a mulher se entusiasma com a ideia dos direitos, que deseja iguais aos do homem, e, não compreende que tais direitos implicam pesados e sagrados deveres.

Lendo há tempos um artigo assinado por uma culta e inteligente mulher, vi que ela se insurgia com enérgica diatribe, contra as mulheres intelectuais que não concordam com o feminismo integral, e, que considerava como um fenómeno quem assim não pensava.

Eu sou um dêsses fenómenos, e se não concordo com a «feminista moderna» que disse que: «As mulheres devem ter um perfume, a escravatura», sou das mulheres que entendem, que a mulher tem de ser mais feminina do que feminista.

Sôbre «perfume a escravatura», entendo que é apenas uma «blague», pois que a escravatura seja ela de que qualidade fôr não póde de maneira alguma agradar a ninguém e estou mesmo certa que os próprios homens só sentirão desprêzo pelas mulheres escravas.

A escravatura é repelente quando imposta, mas voluntária, é simplesmente indício de falta de carácter e numa mulher é triste a falta de carácter, porque essa que deve ser a espôsa, a mãe, a educadora, tem de ter carácter e tem sobretudo de inspirar respeito e carinho, e escravas ninguém as respeita, embora às vezes sejam amadas.

Mas entre o perfume da escravatura e a exigência absoluta de egualdades e o feminismo agressivo há um meio têrmo, sensato e equilibrado de que a mulher não póde nem deve sair.

E' certo que como sempre o Mundo é rígido por leis equilibradas, mas as leis da Natureza, as leis de Deus, que fez o homem e a mulher, é que serão sempre as mesmas, as mais sensatas e aquelas, que devem reger o Mundo, que se sempre se guiasse por elas, seria mais equilibrado e mais simpática a vida do que o é, seguindo as fantasias do homem e da... mulher.

Nunca o homem e a mulher poderão ser eguais, embora as leis dos homens, assim as decretem, mas essas leis são contra tudo o que é natural.

O homem e a mulher não podem ser rivais, não devem discutir direitos, devem caminhar na vida lado a lado, devem cumprir os deveres que lhe cabem e respeitar-se mutuamente.

O homem na família tem de ser o chefe, o que não quer dizer que a mulher seja a escrava, não o é, é a colaboradora na manutenção sagrada da família, a melhor instituição humana.

O homem deve respeitar a mulher e reconhecer nela um valor egual ao seu, embora sejam diferentes as suas funções.

A mulher já conquistou direitos, que as leis lhe conferem, mas precisa não esquecer os deveres, que a providência lhe destina.

E' preciso não confundir direitos, é necessário não esquecer deveres. Se o homem tem na vida exterior da humanidade, uma maior representação, a mulher tem na vida interior um lugar muito mais importante.

Ainda há pouco falando com um jóvem engenheiro que perdeu a sua jóvem espôsa, dedicada companheira e mãe amantíssima, ouvi estas palavras, que são uma verdadeira homenagem à mulher.

«Na família, quando esta não depende completamente do ganho do homem e há meios para viver, a mulher faz muito mais falta, que o homem. Os filhos sentem menos a falta do pai do que a da mãe.»

Estas palavras dum homem inteligente e culto, são a expressão da verdade.

A mulher nunca se deve sentir rebaixada por se manter na esfera familiar, no meio que lhe compete.

E' evidente que à mulheres, que pelo seu talento, ou por quaisquer circunstâncias da vida, têm de exercer cargos, que dantes eram só destinados aos homens. Mas êsses casos em geral, são excepções, e a excepção confirma a regra.

A mãe a espôsa que verdadeiramente o sabem ser, não são escravas, são o centro da família e por isso mais do que nunca é necessário dar à mulher a mais sólida instrução, para que ela possa desempenhar o seu papel neste mundo, mas nessa instrução não devemos nunca esquecer que a mulher não é destinada a rivalizar com o homem e o seu destino é: não combatê-lo, mas sim ajudá-lo

Na instrução da mulher é preciso não esquecer a parte feminina, a puericultura a cozinha, o arranjo doméstico, para que na cidade nova a mulher ajude a reconstrução e não seja um motivo de desiquilíbrio.

A mulher tem um papel tão preponderante na vida da sociedade humana, que nunca se poderá sentir rebaixada nem diminuida por continuar a desempenhar êsse papel.

A causa da mulher não é o feminismo, a causa da mulher é a causa feminina.

E ela deve aproveitar as conquistas que tem realizado, os direitos que tem conquistado, em se aperfeiçoar, em tornar-se cada vez mais digna de ser espôsa e ser mãe.

Ser a auxiliar do homem como espôsa é ser o amparo do homem a moderadora da sua alma, a criadora do seu espírito como mãe.

E nada póde haver de mais belo na vida duma mulher, do que ao terminá-la pensar que cumpriu em obsoluto o destino que Deus lhe indicou.

MARIA DE EÇA.

## A moda

A moda está o mais racional possível porque se nos vestidos de noite e de «toilette» se usam os mais ricos vestidos, e, se guarnecem com as mais ricas peles, em compensação nos vestidos de manhã e de desporto temos a maior simplicidade, tanto nos feitios como nas guarnições.

E esta simplicidade aumenta a elegância da mulher, torna-a mais esbelta, mais graciosa e mais nova.

A moda quando se inclina para a simplicidade tem apenas em vista trabalhar para a verdadeira elegância, aquela que o bom tom aconselha às senhoras, que na sua maneira de vestir preferem a tudo a distinção.

E' esta a nota que se deve procurar ao organizar uma «toilette», a senhora que se veste com distinção, pode ter a certeza que está sempre bem, enquanto que a que procura tornar-se notada pelo exagero, precisa ter uma grande distinção natural, para conseguir manter a linha de elegância duma senhora, que é sempre uma prova de bom e requintado gôsto.

Damos hoje alguns modelos de vestidos duma grande simplicidade e elegância, modelos que podem ser imitados pelas senhoras que gostam de vestir bem.

Para desporto temos uma «toilette» do maior agasalho e de muito bom gôsto.

Um vestido muito simples, abotoado à frente com um cinto de polimento. Sôbre o vestido um comprido e forte casaco em lã também azul escuro. «Echarpe» verde esmeralda. Chapeu em feltro azul escuro guarnecido a fita «gras-grain», azul e verde esmeralda. Sapatos em camurça azul escura.

Para a tarde um lindo «tailleur» em fazenda grossa de lã. Saia direita com uma prega á frente. Casaco curto e direito guarnecido a pele de «skungs» que forma uma espécie de bandas e algibeiras, fechado até ao pescoço, aperta com três lindos botões em passemaneria, gola virada para baixo.

Um elegante chapeu de aba, em feltro castanho, completa esta linda «toilette» que consegue aliar ao luxo das peles uma simplicidade das mais graciosas e interessantes.

O chapeu é sempre uma das principais coisas na «toilette» duma mulher e no género simples é difícil aliar a elegância ao bom gôsto, mas temos aqui um modêlo que convém em absoluto às «toilettes» simples, e que tem muito chique e distinção, em feltro castanho é guarnecido a veludo castanho pespontado

Uma linda raposa em volta do pescoço torna marcante a mais simples «toilette». Um lindo casaco em «agueau», a pele da moda êste inverno. Dum lindo corte, é de grande agasalho e a gola original, é muito confortável.

Um chapelinho muito aconchegado à cabeça e guarnecido com uma coroa de fôlhas em veludo, completa o interessante conjunto.

Os frios dêste inverno têm posto em moda os abafos de noite em pele. E' lindo êste modêlo em arminho da Sibéria, com o seu talhe em forma e as suas elegantíssimas mangas, que como tôdas as dêste inverno não passam do cotovelo.

Há pois por onde escolher, no género de «toilettes», que mais precisas são à mulher elegante de hoje, que tem de ser chique a tôdas as horas e manter a sua linha de elegância e distinção, que torna uma senhora saliente na sociedade.

## Modos de vida

HÁ na India os «fakirs» que assombram todos pela maneira como suportam os sofrimentos físicos, fazendo coisas surpreendentes, como atravessar nos braços e nas pernas compridos alfinetes sem dar mostras do mais leve sofrimento.

Têm visões, fazem profecias, caem no estado ipnótico, são a atracção das multidões na India, e muito apreciados.

Há já na Europa uma mulher «fakir», as mulheres têm na verdade invadido tôdas as profissões do homem não escapando nem mesmo o «fakirismo».

Entrevistada por um jornalista essa assombrosa mulher declarou que as suas qualidades de «fakir» foram descobertas por seus pais, que habitavam as Indias Holandesas, quando ela tinha apenas 4 anos de idade.

Até ali tinha sido sempre uma criança normal, gozando a melhor saúde e perfeita. Estava um dia brincando no jardim da sua linda residência colonial, quando teve uma extraordinária visão, tanto mais estranha, que as crianças de tão poucos anos, não se ocupam dessas coisas.

Viu morto um dos amigos de seu pai, que ainda na véspera os visitára.

Foi dizer a seu pai o que tinha sentido e visto. Este depois duns momentos de incredulidade, foi a casa desse amigo e encontrou-o moribundo.

Em vista disto a família confiou-a a um sacerdote indú, que a fechou num pagode, onde passou os anos da sua mocidade e da sua infância,

tendo-se iniciado em todos os mistérios do «fakirismo». Tornou-se assim a única mulher fakir que existe no mundo.

E' visionária, quiromante, astrologa, e grafologa. Estando em ipnose e morte aparente póde fazer coisas miraculosas, tornando-se duma insensibilidade extraordinária, que lhe permite ser atravessada por um estilete sem que apareça a mais pequena gôta de sangue.

Esta mulher é ainda nova e linda, tem percorrido o mundo inteiro, tendo estado já por várias vezes na Europa, que conhece admiravelmente.

Fala não só tôdas as línguas orientais, como também quási tôdas as línguas europeias. Para o que tem uma intuição tal, que não precisa de muito estudo, para conseguir falar qualquer língua com uma pronúncia quási perfeita.

E' uma mulher extraordinária que faz a admiração dos que a conhecem.

## O «Hotel da Maternidade»

HÁ em Paris uma admirável instituïção o «Hotel da Maternidade» fundado por madame Koeling, que dedicou parte da sua fortuna a essa

linda obra. A' saída da Maternidade quantas mulheres enfraquecidas por um laborioso parto, desconsoladas, sem ilusões sôbre a vida, sem coragem para nada se encontram com um filho nos braços e em face da miséria!

No «Hotel da Maternidade» encontram alojamento para si e para os seus filhos, encontram ali, não só asilo, mas também quem as ensine a tratar dos filhos e lhes dê o conforto moral de que tanto precisam.

A directora e o pessoal são incansáveis com essas pobres mulheres e na rue Bidassôa, próximo do Père Lachaise, num recanto parisiense que tem o mais provinciano aspecto, as mãis são amparadas e os filhos tratados com os cuidados que precisam.

As caves dessa casa que nem tabuleta tem para não magoar a sinsibilidade dessas pobres mulheres, foram transformadas em salas de banho, lavatórios e vestiários das mãis. Os bèbés têm nos andares superiores as suas salas de banho. E' uma linda obra que devia ser imitada

em tôda a parte, obra de caridade, levantando as infelizes que duma hora, de fraqueza vêem surgir uma negra vida com um duplo encargo. E' uma obra de ressurgimento para a mãi que só dali sai com colocação, e para o bèbé que encontra todo o conforto que lhe é necessário

## Higiene e beleza

HÁ senhoras que trabalham e que se queixam de não ter tempo para dedicar aos cuidados de beleza que hoje interessam tôda a mulher.

Mas para cuidar da beleza não é preciso tanto tempo para que o trabalho impeça o seu aperfeiçoamento.

E' apenas necessário ter na vida muito método e higiene. O banho diário morno é indispensável para manter a saúde em perfeito estado e sem saúde a beleza resente-se. Uma fricção com água de colónia, recomenda-se em seguida ao banho. Dispôr de meia hora no dia, para andar, nada há como êsse exercício para facilitar a circulação do sangue.

A' noite fazer depois duma lavagem com água e sabonete, uma massagem com um bom crème, no rosto. Escovar bem o cabelo com uma forte escova. Não exagerar a «maquillage». Lavar o cabelo duas vezes por mez. Ter cuidado na alimentação, evitando as más digestões. Não abusar de bebidas alcoólicas, sempre nocivas à beleza da pele, e não é preciso dispor de muitas horas para tratar a beleza.

## De mulher para mulher

*Mary:* — Escolha aquele em quem encontra mais sólidas qualidades de coração e que melhor carácter tem. Não se deixe seduzir por exterioridades, que na vida íntima nada querem dizer e creia que os que mais salamaleques fazem em sociedade, são às vezes os mais grosseiros na vida íntima e de família.

## Bridge

*(Problema)*

Espadas — R. 6
Copas — A. V. 10, 6
Ouros — A. D. 7, 2
Paus — 4, 3, 2

Espadas — A. 3, 2
Copas — R. 9, 8, 7, 2
Ouros — R. V. 3
Paus — D. 6

**N**
**O** **E**
**S**

Espadas — V. 10, 9, 8, 7, 5
Copas — 3
Ouros — 10, 9, 4
Paus — A. 10, 5

Espadas — D. 4
Copas — D. 5, 4
Ouros — 8, 6, 5
Paus — R. V. 9, 8, 7

*S* marca 3 sem trunfo; *O* sai por 7 de copas e *S* cumpre.

*(Solução do número anterior)*

**S** joga R. *p.* Se **O** não entra de A. *p.*, **S** insiste. Se **O** entra de A. *p.*, e joga 9 *o.*, **N** — A. *o.* **N** — V. *e.*, **E** tem de entrar de D. *e.*, ou perde 3 vasas em espadas.

**S** faz R. *e.*, e joga 9 *c.*, **O** tem de jogar 10 *o.*, **N** — 5 *e.*, **E** — V. *o.*, **S** — 8 *e.*, e cumpre.

Se quando **O** tem a mão em paus, insistir em paus, **N** faz D. *p.*, e joga V. *e.*, **S** — R. *e.*, e 9 *c.*, **O** — 9 *o.*, **N** — 5 *e.*, **E** tem de baldar-se a ouros. **S** joga 8 *e.*, e **O** fica enforquilhado.

Qualquer que seja a forma de **O** jogar, **S** cumpre.

## O telefone mais elevado da Europa

O govêrno suíço montou há cêrca de dois anos, um serviço de telefone automático, a uma altura de mais de duas milhas sôbre o nivel do mar, que fica sem dúvida, o mais alto da Europa.

O novo serviço de telefone automático está 160 metros acima da instalação do Hotel Belvedere, no Pico de Matterhorn, e encontra-se instalado numa cabine de pedra situada na *Jungfrau*, a 3.450 metros acima do nivel do mar. O cabo que une essa pequena estação telefónica com Lauterbrunnen tem nove milhas e meia de comprimento. Tanto o cabo como os fios estão enterrados para evitar as avalanches de neve, tão freqüentes naquelas paragens. Da *Jungfrau* pode pois comunicar-se hoje, pelo telefone, com as principais cidades da Europa.

As pombas domésticas vôam mais depressa do que se julga. Um naturalista viu uma voar durante cêrca de vinte e sete horas, com uma velocidade de dez metros por segundo, o que indica uma enorme resistência. Em distâncias curtas, a rapidez é notável. Em experiências feitas em França, teem-se obtido velocidades de 1.200 e de 1 370 metros por minuto.

## Quantas seriam?

*(Problema)*

Ao proprietário dum pequeno jardim Zoológico particular preguntaram, um dia, quantas aves e quantos mamíferos êle possuia no seu jardim, e a resposta foi a seguinte:

— Ao todo, há lá 36 cabeças e 100 pés.

Pouco mais adiantado ficou quem fez a pregunta, e continua a querer saber quantas seriam as aves e quantos os mamíferos.

Nas montanhas de Valcea, na Roménia, uma águia enorme atacou um rebanho e levou um cordeirinho, antes que o pastorzito e o cão pudessem intervir. No dia seguinte, repetiu-se a façanha.

O pequeno pastor açulou o cão, porém a águia partiu a êste o crânio, à bicada. Então, o pastorzinho atacou a ave com um garrote. A águia, enfurecida, precipitou-se sôbre êle e destroncou-lhe um braço. Mesmo ferido, o pequeno continuou a luta, e com um forte golpe na cabeça, derrubou a ave de rapina, levando-a, como troféu, à aldeia.

## Os triângulos

*(Solução)*

## Origem da palavra «decrépito»

A comparação da vida humana com o arder ou apagar-se de uma lâmpada encontra-se vulgarmente nos autores latinos, como se vê das palavras *senes decrepiti*. Plutarco dá a seguinte explicação dêste metáfora: os antigos nunca apagavam as suas lâmpadas; mas deixavam-nas apagar por si, dando elas, como qualquer pode observar, pequenos estalidos.

De aqui veio que o estar uma lâmpada a ponto de apagar-se se chamou *decrepitare*, dar estalidos; e por êste motivo se deu o nome de *decrepiti*, decrépitos, aos velhos que estão à beira da sepultura.

O mais antigo trecho de música que ainda hoje se executa, é a *Pensão dos Sacerdotes*, que foi originàriamente executada no Templo de Jerusalém.

## Palavras cruzadas

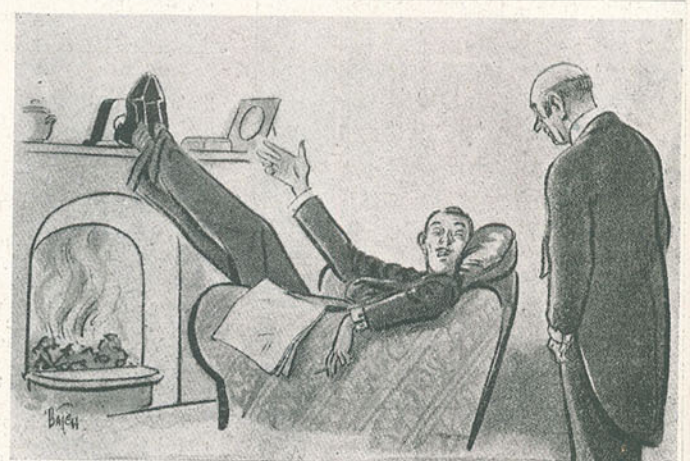
*(Passatempo)*

| 1 | 2 | 3 | 4 | | ■ | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 |
|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|---|
| 10 | | | | ■ | 11 | ■ | 12 | | | |
| 13 | | | ■ | 14 | | 15 | ■ | 16 | | |
| 17 | | ■ | ■ | 18 | | | ■ | ■ | 19 | |
| | ■ | 20 | 21 | ■ | | ■ | 22 | 23 | ■ | |
| ■ | 24 | | | | ■ | 25 | | | | ■ |
| 26 | ■ | 27 | | ■ | 28 | ■ | 29 | | ■ | 30 |
| 31 | 32 | ■ | ■ | 33 | | 34 | ■ | ■ | 35 | |
| 36 | | 37 | ■ | 38 | | | ■ | 39 | | |
| 40 | | | 41 | ■ | | ■ | 42 | | | |
| 43 | | | | | ■ | 44 | | | | |

*Horizontais:*

1 — Fabulista grego. 5 — Antiga cidade da Africa onde se matou Catão. — Cidade da Alemanha. 12 — Rio da Rússia. 13 — Divisão do ano. 14 — Membro das aves. 16 — Parte inferior e pendente de certas peças de vestuário. 17 — Tempo de verbo. 18 — Abecdário. 19 — Suspiro. 20 — Contracção de prep. e art. 22 — Advérbio. 24 — Composição musical alemão. 25 — Género de anonáceas da ilha de S. Tomé. 27 — Nota musical. 29 — Nome de grande número de rios dos países célticos e germânicos. 31 — Um dos nomes de um rio da Sibéria. 33 — Pedido de socorro. 35 — Catedral. 36 — Patriarca hebreu. 38 — Composição poética. 39 — Cabelo branco. 40 — Letra do alfabeto grego. 42 — Rio de Portugal. — 43 Cidade dos E. U. 44 — Salicilato de fenilo.

*Verticais:*

1 — Rio da Alemanha. 2 — Número cardinal. 3 — Célebre condessa de Castela. 4 — Utensílio doméstico. 6 — Pron. pess. 7 — Cólera. 8 — Insecto do Brasil. 9 — Tempo de verbo. 11 — Habitação de pinho usada entre os povos do Norte da Europa e da Asia. 14 — O mesmo que 29 *horiz.* 15 — Abreviatura que acompanha certas datas. 20 — Rio da Suécia. 21 — Género de oxalídeas do Brasil. 22 — Afluente do Rio Douro. 23 — Rio do Brasil. 26 — Instrumento inventado por um célebre matemático português. 28 — Hidróxido. 30 — Acido fénico. 32 — Cidade da Bélgica. 33 — Isolado. 34 — O mesmo que 35 *horiz.* 35 — O mesmo que 42 *horiz.* 37 — Arvore frutífera brasileira, espécie de oiti. 39 — Óxido de cálcio. 41 — Interjeição. 42 — Apelido.

*— O sr. chamou?*
*— Chamei: Vá ver que horas são no relógio da sala de jantar. Eu não posso ver êste!*

(Do «Humorist»)